

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Julia Maziero Possa

A LINGUAGEM HUMANIZADA NO JORNAL  
NACIONAL

Passo Fundo

2016

Julia Maziero Possa

## A LINGUAGEM HUMANIZADA NO JORNAL NACIONAL

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Ms. Nadja Hartmann.

Passo Fundo

2016

Julia Maziero Possa

**A linguagem humanizada no Jornal Nacional**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Ms. Nadjia Hartmann.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Ms. Nadjia Hartmann – UPF

---

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

---

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

Para Everaldo, pela coragem e confiança. Para Isolda, pelo incentivo e amor à escrita. Para Iuri, que baixou todos os vídeos, pequeno grande gênio da tecnologia. Para João Henrique, pela paciência e companheirismo. E para professora Nadja, que se revezou entre os papéis de orientadora, psicóloga e amiga.

**Resumo:** Este trabalho baseia-se na análise da linguagem utilizada no programa televisivo Jornal Nacional, exibido pela Rede Globo desde 1969. Ele busca compreender o seu uso, limitações e assuntos que são predominância no modelo de discurso humanizado, conceituado por Ijuim (2009), que é ao mesmo tempo literário e objetivo, atendendo às premissas do texto telejornalístico. Foram analisados seis telejornais, seguindo os preceitos de Semana Construída (BAUER, 2000), nos meses de novembro e dezembro de 2015. Para análise, foram selecionadas matérias que continham em suas narrativas aspectos da linguagem humanizada, como figuras de linguagem e linguagens conotativas, bem como que se enquadrassem na definição de Marques de Melo (2003) de História de interesse humano e nas descrições metodológicas de Gomes (2007), ligadas aos modos de endereçamento, mais precisamente nos operadores de análise ‘Contexto comunicativo’ e ‘Texto verbal’. Dentre as conclusões destaca-se o uso da linguagem humanizada no Jornal Nacional, ainda que este número seja pequeno em relação ao restante do conteúdo divulgado pelo programa. Além disso, a linguagem humanizada foi compreendida como um novo método estratégico na busca pela audiência.

**Palavras-chave:** Linguagem humanizada. Jornal Nacional. Linguagem jornalística. Telejornalismo.

## SUMÁRIO

|                                                                          |           |
|--------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. Introdução .....</b>                                               | <b>01</b> |
| <b>2. O telejornal e sua estrutura .....</b>                             | <b>03</b> |
| 2.1 Categorias, formatos e gêneros televisivos .....                     | 04        |
| <b>3. A linguagem telejornalística .....</b>                             | <b>07</b> |
| 3.1 Conotação e denotação: onde isso se encaixa no telejornalismo? ..... | 10        |
| 3.2 A linguagem humanizada .....                                         | 11        |
| 3.3 Humanização versus sensacionalismo .....                             | 16        |
| <b>4. Metodologia .....</b>                                              | <b>19</b> |
| 4.1 Modos de Endereçamento .....                                         | 19        |
| 4.2 O Jornal Nacional como objeto .....                                  | 21        |
| <b>4.3 Descrição das reportagens .....</b>                               | <b>25</b> |
| 4.3.1 Edição de quarta-feira, 18 de novembro de 2015 .....               | 25        |
| 4.3.2 Edição de quinta-feira, 26 de novembro de 2015 .....               | 29        |
| 4.3.3 Edição de sexta-feira, 04 de dezembro de 2015 .....                | 33        |
| 4.3.4 Edição de sábado, 12 de dezembro de 2015 .....                     | 37        |
| 4.3.5 Edição de segunda-feira, 14 de dezembro de 2015 .....              | 37        |
| 4.3.6 Edição de terça-feira, 22 de dezembro de 2015 .....                | 41        |
| 4.4 Vínculo com operadores de análise .....                              | 48        |
| <b>5. Considerações finais .....</b>                                     | <b>50</b> |
| <b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>                               | <b>53</b> |
| <b>7. ANEXOS .....</b>                                                   | <b>56</b> |
| Anexo 1 .....                                                            | 56        |
| Anexo 2 .....                                                            | 57        |
| Anexo 3 .....                                                            | 58        |

## 1. INTRODUÇÃO

A televisão é munida de voz, imagem, expressão e palavra. Cada toque do texto representa algo. É preciso que a informação se complemente com aquilo que já possui vida própria: a imagem. É ela quem manda e norteia o conteúdo para televisão. E talvez, justamente por isso, este predominou como o meio de comunicação mais popular, expressivo e impactante da sociedade moderna (REZENDE, 2002). Desde 1950, data registrada como a primeira transmissão ao vivo da televisão brasileira, o que se viu foi uma busca pela adaptação da linguagem telejornalística. Ainda que, em seu núcleo, o texto tenha se desenvolvido com objetividade, priorizando a ordem direta e as frases curtas, foi visto recentemente o surgimento de uma nova tendência do telejornalismo nacional: a linguagem humanizada. O Jornal Nacional, exibido pela Rede Globo desde 1969, é um exemplo: foi o primeiro telejornal em rede do país e, desde o seu nascimento, contava com o âncora<sup>1</sup> sentado na bancada. No ano passado, em 2015, pela primeira vez, o apresentador levantou-se, andou pelo estúdio e conversou com os repórteres durante as transmissões. Ainda que este movimento já tivesse sido visto em jornais diurnos, foi a primeira vez em um telejornal noturno tão tradicional como o JN. A linguagem humanizada parece ter chegado junto deste movimento. A intenção é deixar de dizer o texto, mas falá-lo, fazendo predominar o clima de conversa, explicação, contextualização. É a pintura do fato com os personagens envolvidos, é a criatividade: um movimento que busca a profundidade do discurso, quase que intencionando ser de aspecto literário.

A intenção deste trabalho de pesquisa foi compreender o processo do jornalismo humanizado na televisão – processo que implica quebrar as barreiras da ordem direta, trazer personagens para falar e, mesmo assim, manter a coloquialidade, a objetividade e o discurso compreensível da informação que só passa uma vez – e não pode ser lida e relida como na internet e no jornal impresso. A intenção deste trabalho é compreender como o jornalismo humanizado se faz presente no primeiro telejornal em rede do Brasil, o mais tradicional e, até hoje, um dos mais assistidos: o Jornal Nacional, exibido de segunda a sábado, a partir das 20 horas, pela Rede Globo. Conforme o IBOPE (2016), o JN disputa os primeiros lugares da audiência com novelas atuais e *reality shows*. A média de audiência, por noite, é de aproximadamente 10 milhões de telespectadores (IBOPE, abril de 2016). A pretensão,

---

<sup>1</sup>É função do âncora a apresentação do telejornal. Cabe a ele transmiti-lo da melhor maneira possível. “Personalizar, na figura do locutor, a responsabilidade pelo telejornal é um modo de dar ao programa a credibilidade alcançada por uma pessoa” (LOPES, 2005).

portanto, é observar como esta nova faceta se faz presente, através da análise de edições selecionadas. Para fazer isso, o estudo foi centralizado em Ijuim (2009-2014), autor brasileiro que estuda o fenômeno da utilização da linguagem humanizada passo a passo, desde que começou a se perceber o seu surgimento. Outros autores presentes para suporte teórico são Guilherme de Rezende (2000), Nilson Lage (2006) e, novamente, Jorge Ijuim (2009-2014).

No primeiro capítulo é apresentado um breve histórico do telejornalismo brasileiro, desde a sua primeira transmissão até os dias atuais. O telejornal é o próximo assunto, ressaltando suas principais características, conforme apontamentos de Barbeiro e Lima (2004), Curado (2002) e Vizeu (2002), abrangendo também as categorias, gêneros e formatos do telejornalismo, com referencial teórico ancorado em Aronchi de Souza (2004). Já no segundo capítulo entra-se especificamente na teoria de linguagem televisiva. Esta parte do trabalho procura entender as principais premissas do texto telejornalístico, além de apresentar uma explanação sobre linguagens conotativas, denotativas e figuras de linguagem – metáfora, prosopopeia, ironia, entre outras. A explicação teórica do conceito de linguagem humanizada fica como complementação ao leitor, utilizando Ijuim (2009-2014) como autor principal. O método desta pesquisa foi construído a partir da análise descritiva qualitativa, buscando referência em Squirra (1993), Barbeiro e Lima (2004), Curado (2002), Rezende (2002), Aronchi de Souza (2004), Marques de Melo (2003), Vizeu (2002), Klein (2013) e Paternostro (2006).

Estão presentes, para análise, o conceito de Modo de Endereçamento, teorizado por Gomes (2007). Segundo ela, este modelo de análise segue a partir da construção de um estilo, que nasce para o distinguir dos demais. Ainda que existam outros operadores de análise incluídos na teoria da autora, este trabalho contemplará apenas dois específicos: o ‘Contexto comunicativo’ e o ‘Texto verbal’, já que ele está direcionado especialmente à linguagem utilizada no telejornal. Por fim, o quarto e último capítulo desta pesquisa traz à tona a análise dos jornais, com conceituação e aplicação do referencial teórico utilizado anteriormente. A justificativa para levar este trabalho adiante está na curiosidade em compreender a linguagem televisiva como suporte à imagem, analisando-a pelo olhar humanizado. Este estudo busca entender como a colocação de palavras pode interferir na construção e entendimento do texto jornalístico e como este fenômeno está ligado na forma de fazer telejornalismo nos dias de hoje.

## 2. O TELEJORNAL E SUA ESTRUTURA

“O resultado da ação dos jornalistas sobre o aparente caos no qual jazem os acontecimentos transformados em notícias para um programa” (BARBEIRO & LIMA, 2002, p. 18). É assim que Lima e Barbeiro descrevem o conceito de telejornal. Mais que este caos noticioso, o telejornal é também uma determinação legal. A Constituição Federal (nº 1.720 de 28.11 1995; Art.16) diz que pelo menos 20% do tempo de programação das emissoras brasileiras precisa ser, obrigatoriamente, de “programas jornalísticos e informativos, bem como o destinado ao serviço noticioso” (CONSTITUIÇÃO, 1988). Para Olga Curado (2002), o telejornal é “o programa de notícias que existe para oferecer ao público a informação sobre os fatos da semana, do dia, da hora, do momento” (CURADO, 2002, p. 15). Ela defende que a notícia é a informação que tem relevância ao público e, por isso, o telejornal está no ar “com a missão de oferecer esclarecimentos sobre os fatos” (2002, p. 17). Já Alfredo Vizeu (2002) complementa esta informação observando pelo ângulo da audiência. Ele diz que o jornalismo “assume hoje um imprescindível papel de mediação, garantindo deste modo a constituição de um sentido comum, e a indispensável coesão social” (VIZEU, 2002, p. 2). A televisão, portanto, por ser um meio de maior alcance, acaba se tornando a primeira informação que chega ao consumidor.

Para a maioria das pessoas, os programas telejornalísticos são a primeira informação que elas recebem do mundo que as cerca: como está a política econômica do governo, o desempenho do Congresso Nacional, a vida dos artistas, o cotidiano do homem comum, entre outras coisas (VIZEU, 2002, p. 2).

Consequentemente, por sua força e visibilidade, o programa telejornalístico se transformou na prática do “exercício democrático das grandes questões sociais” (VIZEU, 2002, p. 2), acabando por se transformar no que ele chama de “Praça Pública” – local onde estaria a conversão do “exercício de publicização dos fatos, como exercício da prática da democracia” (2002, p. 2). Assim suas características apresentam riscos, já que todo o processo de publicização é submetido às regras técnicas do noticiário televisivo – bem como suas particularidades ideológicas perante o veículo transmissor. E o desfecho é uma supermonitoração do que é dito e falado, provocando a catalisação do que é ou não importante para conhecimento da população, tornando-se assim um grande dispositivo político. (VIZEU, 2002, p. 2). Lopes (2005) afirma que os telejornais acabaram se transformando em um dos artefatos básicos da programação da televisão brasileira.

As empresas de comunicação investem muito neste segmento, que tem público garantido. Estes programas funcionam, igualmente, como uma espécie de canal que veicula os pontos de vista da empresa e dos grupos a que estão ligados. Aos televidentes cabe interagir com eles, negociando contratualmente os seus gostos e preferências (LOPES, 2005, p. 2).

O autor acrescenta que os telejornais são hoje “a principal referência de massa para o que se considera mais significativo como notícia e como ponto de vista nacional e internacional” (LOPES, 2005, p. 3). Segundo ele, a grande massa urbana acessa o mundo pela televisão “filtrando-o com os seus conhecimentos anteriores, obtidos pela conversação e pelas demais mídias” (LOPES, 2005, p. 3). Pelo ângulo estrutural, o telejornal é composto por uma equipe de repórteres/apresentadores (em sua maioria jornalistas), repórteres cinematográficos (cinegrafistas), editores (de texto e imagem), produtores e, por último, mas não menos importante, o chefe de redação – ou o coordenador de telejornalismo, o editor chefe (CURADO, 2002).

## **2.1 Categorias, formatos e gêneros televisivos**

“O jornalismo, como qualquer prática humana, impõe uma sistematização” (GOMES 1992). Os gêneros jornalísticos que compõe um telejornal, por exemplo, expressam uma conjuntura e não são estáticos, mas mutáveis. Eles jamais podem ser determinados de maneira universal, já que têm a ver com a questão cultural de cada comunidade ou ambiente (GOMES, 1992, p. 16). Ainda assim, o telejornal brasileiro se organiza de maneira parecida em sua maioria. No Brasil, especificamente, os programas de televisão desdobram-se sobre pelo menos 20 horas diárias de programação. No entanto, para compreender este cenário é essencial entender como ele se organiza, a pensar pelo seus formatos, gêneros e categorias. Aronchi de Souza (2004) explica que a separação por categorias dos programas de televisão serve para fazer com que se atenda a necessidade de classificar um volume considerável e diverso de elementos que acabam por constituir “o elo que une o espaço da produção, os anseios dos produtores culturais e os desejos do público receptor” (2004, p. 37). Pensando nisso, o autor construiu sua classificação seguindo as teorias de Marques de Melo (2010), que dizia inicialmente que os gêneros jornalísticos eram divididos em apenas três modelos: Informativo (“que assegura a informação ao povo”), Opinativo (que “tem procurado influenciar o homem”) e Interpretativo (“que faz a explanação das notícias”) (MARQUES DE MELO, 2010). Um estudo atual, no entanto, revisou essa ideia: em sua pesquisa pós-doutoral, Marques de Melo (2010) acrescentou dois gêneros à sua lista, “identificando cinco gêneros

consagrados pela cultura jornalística brasileira: Informativo, Opinativo, Interpretativo, Diversional e Utilitário – cujas variantes estilísticas passaram a ser agrupadas em formatos, incorporando a terminologia usual dos estudos midiáticos [MCQUAIL, 1994], e subdivididos em tipos, espécies discursivas que exibem singularidades geoculturais ou traços corporativos” (MARQUES DE MELO & ASSIS, 2010, p. 28).

No gênero Utilitário aparecem os formatos indicador, cotação, roteiro e serviço, enquanto no Diversional o foco está na história de interesse humano e informação pela imagem. A categoria Informativa, por outro lado, nasce do propósito de que as informações se estruturam "a partir de um referencial exterior à instituição jornalística" (MELO, 1985, p. 48). Isso significa que, para esta categoria existir, basta haver um fato que se desenvolva no meio comum, fazendo assim com que nasça uma relação entre os profissionais (jornalistas) e seus protagonistas (personagens e instituições). Quanto aos formatos, podemos compreendê-los como a forma de produção e veiculação dos programas: de que maneira o produto foi construído para dizer o que queria dizer. Conforme Aronchi de Souza (2004), “os formatos são a base do êxito, mas muitas vezes é difícil distinguir o essencial do secundário, para apontar qual é o motivo do triunfo de um e porque ele é diferente do outro” (2004, p. 47). Aqui ele se refere às tentativas de emissoras de todo o mundo em encontrar formatos de programas que deem uma solução para a queda de audiência. Para melhor continuidade desta pesquisa, o foco estará nos formatos dos gêneros Informativo e Diversional, conceituados por Marques de Melo (2010). No gênero Informativo, são estes os formatos destacados:

- **Notícia:** Tecnicamente as notícias são os assuntos transformados em conteúdo jornalístico onde se utiliza a voz *off*<sup>2</sup>, sonoras (entrevistas), e imagens. No seu sentido literal, a notícia é a “informação que tem relevância para o público” (CURADO, 2002, p. 15), que serve para revelar como aconteceram determinados fatos, além de “identificar personagens, localizar geograficamente onde ocorreram, descrever as suas circunstâncias e os situar em um contexto histórico, para dar-lhes perspectiva e noção de sua amplitude e significados” (CURADO, 2002, p. 16). As notícias surgem com base em assuntos factuais, ou seja, a cobertura de um fato que está transcorrendo, trazendo as principais informações sobre o acontecimento.

---

<sup>2</sup> Conforme Curado (2002), a definição de narração *off* é a leitura de texto sem a imagem do repórter ou locutor no vídeo.

- **Reportagem:** Na reportagem é possível aprofundar os fatos, entrevistar um número maior de fontes e contar com uma produção mais elaborada que auxilie o contar da história. Em geral ela põe o repórter em evidência, já que faz com que ele se desloque até o local do fato e produza a chamada *passagem* durante o acontecimento. No entanto, jornalisticamente falando, a reportagem tem um papel muito maior neste meio: Barbeiro & Lima dizem que “a reportagem é a principal fonte de matérias exclusivas do jornalismo” (2002, p. 69). Geralmente é a notícia aprofundada – foi publicada/veiculada como um fato quente e, posteriormente, o jornalista aprofundou seu conteúdo para uma reportagem mais completa sobre o assunto.

Já pela categoria Jornalismo Diversional (MARQUES DE MELO, 2010), existem os seguintes formatos:

- **História de interesse humano:** Também conhecido como o gênero autônomo, independente. “Na prática, o que ocorre é a sua distinção como “matéria fria” (de atualidade permanente), permitindo-se ao jornalista que a escreve recorrer ao arsenal narrativo peculiar ao universo da ficção” (MELO, 2003, p. 61). Este gênero, em geral, não se diferencia em nada da reportagem; o relato jornalístico, como afirma o autor, é basicamente o mesmo – é um fato que foi quente (factual), em que o jornalista o repara na sua dimensão para manter o interesse e a atenção do público.
- **Informação pela imagem:** Melo (2010) explica: “Entendemos que não é o código em si que caracteriza um gênero jornalístico e sim o conjunto das circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público” (2003, p. 61). Logo, o desenho e a fotografia também podem ser identificados como notícias – quando apreendem a faceta privilegiada de um fato, como complemento das notícias ou como reportagens. Na televisão e no cinema, principalmente, isso é prioridade, já que a fala/linguagem não passa de um complemento, “naturalmente descontando-se a significação das imagens em movimento, cuja expressão simbólica tem mais pujança que a estática, reproduzida na imprensa” (MELO, 2003, p. 62).

### 3. A LINGUAGEM TELEJORNALÍSTICA

Para compreender as bases da linguagem jornalística é preciso, antes, entender como se deu o seu desenvolvimento. Conforme Ijuim (2014), movimentos históricos como a Revolução Industrial propiciaram a sedimentação das bases da imprensa – o desenvolvimento tecnológico, crescimento econômico e aumento da população alfabetizada foram destaques para isso. Como consequência, o jornalismo passou a se profissionalizar, manter e movimentar, principalmente, interesses comerciais, deixando de ser uma atividade artesanal, quase que altruísta, e transformando-se em empresa (IJUIM, 2009). Isso fomentou o estilo de ‘escala industrial’, que busca sempre a transmissão da notícia da maneira mais objetiva possível, para que pudesse ser compreendida rapidamente, o que favoreceu a aplicação do conhecido *lead*, utilizado até hoje, que tem como único objetivo responder às perguntas ‘quem?’, ‘quando?’, ‘o quê?’, ‘onde?’, ‘por quê?’ e ‘como?’.

Esta forma de escrita, pensada ainda durante a Segunda Guerra Mundial, momento de precária troca de informação, ganhou força e popularidade com a expansão das cidades europeias, que abria espaço para um novo público: a classe operária. “A retórica do jornalismo publicista era impenetrável para os novos leitores, herdeiros de uma tradição de cultura popular muito mais objetiva. O público é pragmático: para entusiasmar-se por uma ideia, não lhe basta que pareça verdadeira: é preciso ser exequível” (LAGE, 2006, p. 13). A busca pela linguagem pragmática acabou se instalando por todas as esferas – principalmente a televisão. Por ser um veículo de massa, era clara a sua intencionalidade de agradar a todos os públicos. O único aspecto diferente, no entanto, é que na televisão existe a imagem e linguagem, que precisam ser aliadas. Não é por menos: “a televisão combina a utilização simultânea de dois sentidos do ser humano – a visão e a audição” (PATERNOSTRO, 2006, p. 63). Por isso é essencial que a fala e o vídeo andem juntos, de preferência de mãos dadas, em total conexão. Sobre isso, Paternostro (2006) diz que “só se faz TV com imagem, mas a palavra tem lugar garantido. O desafio é descobrir como e quando usar a palavra” (2006, p. 65). Os próprios manuais de redação destacam isso.

Na televisão, diferentemente de outros meios de comunicação, o texto precisa ter ligação direta com a imagem. Trabalhar bem texto e imagem é fundamental. Uma boa imagem fala por si, mas nem sempre. O texto não existe sem a imagem e vice-versa (RECORD, Manual de Telejornalismo, 2007, p.14)

Manuais de redação como este, por exemplo, são os que transmitem aos livros acadêmicos todo o ensinamento técnico da linguagem televisiva. Para Paternostro (2006) a regra principal do texto para TV é que texto e imagens sejam companheiros nesta empreitada – ainda que, muitas vezes, a palavra perca força e precise ser reduzida ao essencial. “Ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado, ou não tem razão de existir, perde a sua função. O papel da palavra é dar apoio à imagem e não brigar com ela” (PATERNOSTRO, 2006, p. 65). Isso porque a imagem já possui a sua própria história. Ela nasce com narrativa desde que o cinegrafista aperta o *play* da câmera. Ainda assim, para garantir a emoção a palavra, sozinha, não é suficiente. “O silêncio ou o som original do que está acontecendo vale mais do que frases descritivas, longas, repetitivas. Nesse exemplo, a palavra perde em força para a imagem” (PATERNOSTRO, 2006, p. 75). Conclusão: a palavra, portanto, precisa estar de acordo com o que é mostrado na tela. O cuidado é para não cair na redundância. Por isso o primeiro passo antes da construção do texto é a atenção às imagens: o ideal é que não esteja no texto aquilo que é exatamente mostrado na tela – “o resultado será a redundância” (BARBEIRO E LIMA, 2002, p. 97). E como não estamos no cinema – a televisão é um ruído e disputa a atenção no ambiente – os manuais defendem que sua linguagem precisa ser essencialmente clara, objetiva e, por fim, coloquial.

Sempre que o jornalista for escrever para a TV, ele deve lembrar que estará contando uma história para alguém, como se estivesse conversando com uma pessoa. É para ela que vai transmitir suas informações. Com essa ideia na cabeça, fica mais fácil escrever um texto que deve ser assimilado, instantaneamente, por milhões de telespectadores (PATERNOSTRO, 2006, p. 79).

Nilson Lage (2006) concorda com esta colocação. Ele diz que a linguagem formal tende a preservar seu uso do passado. Ela é imposta pelo sistema escolar e, mais que isso, “é uma espécie de segundo idioma que aprendemos e que pode servir como índice de ascensão social” (LAGE, 2006, p. 50). No sentido oposto vem a linguagem coloquial que “é espontânea, de raiz materna, reflete a realidade comunitária, regional, imediata” (LAGE, 2006, p. 50). Mas qual delas é a mais eficiente do ponto de vista de entendimento?

[Para] eficiência da comunicação, o registro coloquial seria sempre preferível. É mais acessível para as pessoas de pouca escolaridade e, mesmo para as que estudaram ou lidam constantemente com a linguagem formal, permite mais rápida fruição e melhor expressividade (LAGE, 2006, p. 51).

Lage (2006) pontua que a linguagem jornalística é essencialmente construída com “palavras, expressões e regras combinatórias que são possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal” (LAGE, 2006, p. 52). Também por este motivo a repetição de palavras não é apenas necessária no texto televisivo, como também é estimulada pelos técnicos da linguagem. Barbeiro e Lima (2002) dizem que a repetição, na medida certa, ajuda na compreensão do texto. “É questão de bom senso. Tanto a repetição de palavras quanto a ansiedade de buscar um sinônimo podem empobrecer o texto” (BARBEIRO & LIMA, 2002, p. 98). Esta dica é compartilhada igualmente nos Manuais de Redação (2007).

Ninguém assiste à televisão com um dicionário na mão. Ao mesmo tempo, não confunda texto coloquial com texto ruim, pobre, com coloquialismo. Em qualquer ocasião prefira a palavra mais simples: votar é sempre melhor do que sufragar; pretender e não objetivar; voltar e não regressar ou retornar (RECORD, Manual de Telejornalismo, 2007, p. 14).

Também é importante salientar que, assim como no rádio, na televisão a mensagem precisa ser compreendida de maneira rápida, exatamente enquanto está sendo exibida. Para isso, Rezende (2004) explica que é necessário buscar “inspiração diretamente na língua oral da comunidade, fonte principal dos estilos das falas de TV” (REZENDE, 2004, p. 24). E para chegar a este ponto é preciso que haja uma espécie de ‘uniformização’ da linguagem, mesmo que isso tenha o seu preço. “A qualidade alcançada – a compreensão imediata – tem, como contrapeso, as deficiências próprias de uma limitação linguística, consequência que atinge principalmente os programas de maior audiência” (REZENDE, 2004, p. 25). Sobre isso Marcondes Filho (1993) defende que, por causa desta necessidade de atribuição ao todo, o jornalista acaba se transformando em “[...] menos um perito da linguagem do que um técnico do dizer simples” (1993, p. 98). Paternostro (2006) confirma esta posição. “A programação da TV – e aqui estamos falando da TV aberta – tem um ritmo contundente, próprio da sua natureza como meio de comunicação de massa, e acaba voltada à transmissão de notícias de maneira breve” (2006, p. 63).

Para Barbeiro e Lima (2002), por fim, o texto do telejornal deve ter uma estrutura de movimentos, instantaneidade, testemunhalidade, indivisibilidade de imagem e som, sintetização e objetividade. O ideal do manual, portanto, é resumir todas estas questões e transformá-las em algo que seja compreendido por todos, sem delongas e, principalmente, visando atrair o maior número de atenção possível. Por isso é uníssono que, para começar o texto telejornalístico, usa-se o fato com maior importância, visando tornar a notícia mais

atraente possível ao telespectador. A ordem direta, eles defendem, deve seguir uma sequência lógica: sujeito, seguido do verbo e então o predicado (BARBEIRO E LIMA, 2002, p. 98).

### **3.1 Conotação e denotação: onde isso se encaixa no telejornalismo?**

Para a complementação deste estudo é necessário compreender dois termos distintos: as linguagens conotativas e denotativas. Sobre isso Rezende (2004) citou Albertino Cunha, que afirmou que existem termos com sentidos polissêmicos, também conhecidos como ‘palavras-ônibus’. Para compreender, basta pensar em um transporte coletivo que carrega em si variados tipos: em cada parada surge um sentido novo – uma nova forma de se fazer entender conforme variam os ângulos analisados. Nas palavras do autor, estes termos carregam em si um “larguíssimo número de acepções, prestando, dentro de uma certa faixa, a expressão de numerosíssimas ideias” (Rezende *apud* Cunha, 1990, p. 138). Conforme os linguistas Faraco & Moura (2001), denotação e conotação são aspectos distintos que dão sentido às palavras. Denotação é a “utilização da palavra no seu sentido objetivo, próprio, que não admite mais de uma interpretação” (FARACO & MOURA, 2001, p. 21). Já a conotação é o “emprego da palavra em sentido figurado”. No sentido conotativo, a compreensão do termo pode variar de indivíduo para indivíduo, é subjetiva e admite várias interpretações. De maneira formal, o Dicionário Aurélio explica que a conotação representa o “sentido translato, ou subjacente, às vezes de teor subjetivo, que uma palavra ou expressão pode apresentar paralelamente à acepção em que é empregada” (FERREIRA, 1986, p. 456). Por isso podemos entender que o sentido conotativo é quando empregamos na palavra ‘raiz’ o sentido de “princípio, origem”, mas que em seu sentido botânico (denotativo) ela não passa de um “órgão da planta geralmente fixo no solo donde retira água e substâncias minerais” (LUFT, 2002, p. 556).

E o que isso tem a ver com o telejornalismo? Rezende (2004) explica que quando a linguagem conotativa é utilizada na linguagem telejornalística, ela visa “promover uma percepção mais sensorial e afetiva do que racional”, além do fato de que, nestes moldes, o discurso televisivo “abriga, em sua essência, uma íntima e constante ligação entre destinador e destinatário mediada pelo espetáculo” (REZENDE, 2004, p. 36). Rezende cita Jakobson (1995), que afirmou: “nota-se uma preponderância da função fática no discurso televisivo, secundada pelas funções expressiva, conotativa e referencial” (REZENDE *apud* Jakobson, 1995, p. 36). Assim o discurso televisivo se constrói como um meio comum, quase que de aconchego familiar. Quando vê, o telespectador “passa a esperar que a TV ultrapasse os efeitos de mero espetáculo ou de pura informação e se invista da atmosfera de simpatia e

camaradagem, característica igual de grupos primários, como a família” (SODRÉ, 1981, p. 61). E tudo isso pela identificação do modo de falar: elas se referem ao modo que as pessoas falam “na vida real”. Isso traz a impressão de diálogo, uma conversa entre iguais. E esta conversa, por fim, exige empatia e “capacidade para sustentar o clima da conversa de parte do apresentador/jornalista” (REZENDE, 2004, p. 37).

A impressão de diálogo, de conversa pode ser tão intensa que não são raros os telespectadores que respondem às interpelações dos apresentadores de TV: “Boa noite”, “um abraço para você”, “venha comigo”, “você não pode perder essa oportunidade”. Nessa hora, é difícil para o telespectador resistir ao convite de interação que a telinha companheira lhe propõe (REZENDE, 2004, p. 36).

Os aspectos de conotação também estão muito presentes no gênero literário ‘crônica’, que chegou ao Brasil em forma de folhetim: “um espaço livre no rodapé do jornal, destinado a entreter o leitor e a dar-lhe uma pausa de descanso em meio à enxurrada de notícias graves e pesadas que ocupavam – como sempre ocuparam – as páginas dos periódicos” (BENDER & LAURITO, 1993). A crônica herdou esta liberdade: Bender e Laurito (1993) dizem que o fato jornalístico que denota o texto é mero pretexto: não é de tal guerra que a crônica quer falar, mas da guerra enquanto ‘não-paz’. “O espaço em que acontece o fato analisado pelo cronista não fica no mundo real que nos rodeia. Mesmo quando há verdade inquestionável no que diz, as entrelinhas e as analogias é que interessam. A crônica é um gênero do disfarce e ajuda a aguentar com certa fantasia a vida e a realidade” (BENDER & LAURITO, 1993, p. 44). Por isso a crônica não é um gênero jornalístico-literário exatamente classificável: ela é mutante e existe de acordo com quem a escreve e a transmite. Bender e Laurito (1993) definem a crônica, portanto, como um olhar agudo sobre as pequenas coisas que nos rodeiam.

### **3.2 A linguagem humanizada**

Ijuim (2014) provocou o questionamento: jornalismo humanizado não seria uma redundância? Afinal, existe um jornalismo que desumaniza? Neste quesito deve-se partir do pressuposto, como o autor explica, que a comunicação em si é uma questão essencialmente social. Ele segue a ideia de que a palavra comunicação parte do latim *communicare*, onde recebe o sentido de partilha, compartilhamento de ideias, pensamentos e informações. O jornalismo nasceu desta máxima, vindo exatamente da capacidade dos seres humanos de criar meios que permitam estes processos. Por isso o autor diz que, sim, o fazer jornalístico é uma ação humana, mas cabe o questionamento: o jornalismo já surgiu humanista, ou

humanizador? Em termos gerais, o jornalismo humanizado busca andar na contramão do movimento capitalista que marcou o jornalismo moderno: ele surge a partir da “leitura da pauta”, no olhar que vai além da fórmula e acaba produzindo narrativas em que “o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista” (IJUIM, 2014, p. 13). Consequentemente, no seu trabalho de apuração, ele “busca versões verdadeiras e não necessariamente produz a verdade, pois o repórter não se relaciona com um objeto, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência” (IJUIM 2014, p. 13). O autor tenta colocar este movimento no papel, explicando o que se entende, portanto, de jornalismo humanizado. Isso acontece pois, na procura da essência dos fenômenos, atribui-lhe diferentes significados e sentidos. Esta busca existe para mostrar ao público mais que a explicação de um fato, mas a compreensão das ações humanas. A intenção é que seu trabalho respeite diferenças e seja isenta de prejulgamentos, preconceitos e estereótipos.

Em sua relação com o mundo, o jornalista esvazia-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir. Munido de uma racionalidade criativa e da emoção solidária, assume a postura de curiosidade e descoberta, de humildade para sentir as dores do mundo (Dines), de empatia, de solidariedade às dores universais (Medina). Como consequência, sua narrativa será a organização do que está disperso, com as ligações do que está desconexo, rica em contexto que possa esclarecer, proporcionar compreensão. Sua narrativa adquire caráter emancipatório, pois, de forma humanizada, seu ato é humanizador (IJUIM, 2009, p. 15)

Mas a linguagem humanizada de fato existe? Onde ela é empregada? Ijuim (2009) cita o precursor da ideia: Raul Pompeia, jornalista brasileiro que publicou as primeiras crônicas jornalísticas entre 1880 e 1894. Quem figura a lista é também João Paulo Barreto (1881 – 1921), que praticamente inaugurou a reportagem brasileira. "João do Rio (como era chamado) institui a figura do repórter que vai à rua para vivê-la, senti-la, com a mente e coração abertos para captar no cotidiano a informação e expressar o Rio de Janeiro do início do século XX" (IJUIM, 2014, p 13). Dos repórteres atuais, o autor cita duas mulheres: Eliane Brum<sup>3</sup>(impresso e internet) e Neide Duarte<sup>4</sup> (telejornalismo).

<sup>3</sup> Eliane Brum é jornalista, escritora e documentarista. Gaúcha de Ijuí, trabalhou 11 anos como repórter no jornal Zero Hora, 10 como repórter especial da Revista Época e, desde 2010, atua como *freelancer*. Sua última obra publicada foi o livro ‘Meus Desacontecimentos’ (LeYa), em abril de 2014. Atualmente é colunista do El País e The Guardian.

<sup>4</sup> Neide Duarte é atualmente repórter dos programas Bom Dia Brasil, Jornal Hoje e Jornal Nacional da Rede Globo. Começou a carreira como repórter na TV Tupi, na década de 70.

Outro autor especialista no assunto, Edvaldo Pereira Lima (2009), define o jornalismo humanizado com a característica da abertura e proposta de “compreensão ampla do entrevistado em vários aspectos, do histórico de vida ao comportamento, dos valores aos conceitos” (LIMA, 2009, p. 93). Segundo ele, esta narrativa humanizada traz ao imaginário aquilo que é subjetivo para o jornalismo. Sua crítica é contra as limitações impostas pelos manuais de redação, que pressionam a objetividade e a construção de uma ‘verdade absoluta’ para a notícia, apropriando-se, muitas vezes, somente de citações e depoimentos fragmentados, fazendo do sujeito uma simples fonte. Lima (2009) é contrário à redução de histórias de vida a números estatísticos. “Não pode haver neutralidade, imparcialidade, verdade absoluta, quando os mecanismos de captação do real são condicionados por uma série de fatores pessoais – do repórter, sua formação, sua cosmovisão – e conjunturais – da empresa jornalística, seu escopo ideológico, seus comprometimentos nos campos econômicos, político e social –, que limitam a compreensão do mundo” (LIMA, 2009, p. 100).

Já Gomes (2007) estudou especificamente a linguagem humanizada no telejornalismo. Segundo ela, a humanização do relato consiste “em contar a história de um personagem que vai exemplificar a situação de muitos outros”, entendendo isso como uma das estratégias mais utilizadas para aproximar a audiência (GOMES, 2007). Esta aproximação, como explica, é proveniente da identificação do caráter humano das reportagens, estabelecido com um jogo de cumplicidade com o telespectador.

A intenção é dar um “rosto”, uma “cara” a cada história. A aproximação aqui não significa simplesmente “se reconhecer” na tela, mas reconhecer “aquela história” contada como “humana”, “real”, “verdadeira”. A posição social das vozes das reportagens (personagens) é construída a partir da utilização de diversos recursos: modos de tratamento, efeitos de edição, enquadramentos, cenários e movimento de câmera. Estes elementos também contribuem para produzir uma maior ou menor identificação (GOMES, 2007, p. 13).

Como artimanha de humanização, produzem-se enquadramentos próximos e a identificação do personagem pelo primeiro nome – seu João, dona Maria – o que prevê a construção do brasileiro comum (GOMES *apud* PALLOTTINI, 2007), necessário para a construção da identidade nacional. Esta proximidade também se vale da “construção de cenários específicos e da encenação da vida cotidiana” (GOMES, 2007, p. 14). O sujeito comum, como exemplificado pela autora, é o protagonista da maior parte das reportagens do JN, igualmente seu objeto de pesquisa. Segundo ela, tomando como exemplo o programa, estes sujeitos simbólicos são identificados como o trabalhador, o caminhoneiro, a dona de

casa, o empresário e identificados apenas pelo primeiro nome, assumindo a posição social que lhes é conferida, sem qualquer outra caracterização, como origem ou sobrenome, por exemplo. A linguagem humanizada, portanto, tem como alicerce o ser humano – o personagem é o foco em meio ao desenvolvimento da informação.

A construção da matéria sobre o personagem é outro aspecto importante da linguagem humanizada. Curado (2002) diz que “a informação crua, embora correta, não tem nenhum impacto” (CURADO, 2002, p. 43). O espectador, em geral, sente e acredita no que lhe é exposto a partir do momento em que é partilhado através da emoção. A emoção existe quando retratada em outro semelhante. Isso explica o motivo de tragédias, por exemplo, compactuarem com tanto impacto nas matérias televisivas. “Toda tragédia tem um ser humano e o ser humano tem que se revelar, e toda história tem uma pessoa, pois sem ela não é uma história. Se não mostrarmos a pessoa, estamos fazendo o anuário estatístico do IBGE. Está claro: temos que ter o personagem, a história e a emoção” (CURADO, 2002, p. 43). Aqui fica a questão: como retratar isso na prática? Curado explica:

Por exemplo, a história das 50 mil pessoas que aguardam na fila para fazer o transplante de rim e que poderão morrer em dois anos se não o fizerem. É uma informação importante, sem dúvida. Mas é diferente se eu contar a história de Rodriguinho, um garotinho de seis anos, uma gracinha, de preferência de olhinhos azuis e muito rechonchudo, brincando com seus bonequinhos, mostrando que se ele não tiver um rim daqui a dois anos, vai morrer e que há outros 40 mil como ele esperando por um rim. Alguns dizem que isso é apelação, mas como contar uma história sem personagem, como tornar a informação universal, se não tiver a ligação da emoção? (CURADO, 2002, p. 44)

Além da emoção, a identificação também existe, em grande parte, pelo uso de palavras figuradas, como explica Ijuim (2009). Conforme o autor, as figuras de linguagem são “ferramentas, estratégias de que o autor pode lançar mão para explorar uma palavra ou expressão, comparar, realçar sonoridade, buscando sempre ampliar a compreensão do texto” (IJUIM, 2009, p. 95). O destaque aqui é para a antítese, ironia, metáfora, metonímia e prosopopeia. De maneira breve, a antítese é uma figura de linguagem que expõe ideias opostas. A ironia é muito usada, principalmente, na literatura, quando o autor quer dizer exatamente o contrário do que está expondo, utilizando-se da situação de uma forma cômica. Na metáfora se comparam dois elementos, sem necessariamente estarem conectados comparativamente (como tal). A metonímia, como na metáfora, é empregada quando uma palavra que tem originalmente um significado passa a ter outro, ainda que isso não precise

necessariamente acontecer por traços de semelhança entre ambas, mas pelo relacionamento direto entre elas. Por fim, a prosopopeia – que também pode ser compreendida como personificação – é uma figura que atribuiu características, sentimentos e ações próprias dos mais variados seres, transformando-os em personagens (IJUIM, 2009, p. 96).

A linguagem humanizada é marcada e se diferencia porque “ambientaliza, descreve, dá tons e nuances, costuma nos trazer para o texto de sua reportagem como se nós mesmos – espectadores, leitores – estivéssemos ali, vivenciando o que ela reporta” (IJUIM, 2009, p. 92). E também utiliza as chamadas figuras de linguagem. Este complemento busca “tornar a narrativa mais bela, leve e em algumas situações até poética” (IJUIM, 2009, p. 92). A intenção também é torná-la mais viva, buscando por cheiros, cores e subjetividades. Segundo o autor, “são metáforas, prosopopeias, metonímias, pleonasmos, em meio a diálogos literalmente em travessões, descrições, imersão no cenário descrito, histórias de vida” (IJUIM, 2009, p. 92).

A reportagem torna-se mais humana, densa, complexa, como o é, de fato, o mundo em que vivemos. Sua narrativa leva o sujeito-leitor a pensar, a buscar compreender melhor o que se passa, as razões, os interesses, as variantes do caso relatado (IJUIM, 2009, p. 92).

Como exemplo de linguagem humanizada, Ijuim (2009) cita a reportagem ‘Protesto e dor’, veiculada no telejornal Bom Dia Brasil, em 30 de julho de 2007, após o trágico acidente com o *Airbus* da TAM em Congonhas, no dia 17 do mesmo mês. Ele diz que poderia ser “mais uma reportagem repleta de números, informações da Defesa Civil, do Instituto Médico Legal, da TAM ou da Infraero ou apenas um balanço do número de mortos, corpos encontrados, vítimas ainda desaparecidas ou dos procedimentos que os passageiros dos voos futuros deveriam tomar para manter a normalidade da vida” (IJUIM, 2009, p. 93). A reportagem de Neide Duarte, no entanto, inverte esta lógica.

O domingo foi de mobilização em São Paulo. Milhares de pessoas foram às ruas homenagear as vítimas da tragédia com o Airbus da TAM. Havia faixas de protesto, palavras de solidariedade e de indignação. A caminhada de cinco quilômetros terminou em frente ao local da tragédia. Entre os presentes, o que se viu foi uma mistura de revolta, dor e solidariedade. São Paulo ainda tem nuvens escuras no seu céu. Da bandeira do Brasil que tremulava, sobrou só um fiapo. (DUARTE apud IJUIM, 2009, p. 93) (Texto na íntegra disponível no Anexo 1);

Ijuim (2009) diz que a linguagem humanizada se destacou por conta das figuras de linguagem utilizadas na narrativa, o que tornou o texto mais denso, ainda que sem perder a

clareza e objetividade – tendências típicas do texto televisivo. Outro exemplo foi ao ar em abril de 2008, pelo Jornal Hoje. A matéria ‘Congestionamento monstro’ faz uma reflexão sobre o congestionamento da capital paulista.

O congestionamento é um monstro com mais de 100 quilômetros de comprimento, que se move lentamente. Ele nos ameaça de dia e de noite, vai nos engolindo aos poucos e emite sons ameaçadores. Nem parece que somos parte desse monstro, que fomos nós que o criamos e que estamos vivos dentro dele, atrás do reflexo de alguma arquitetura da cidade. “Não vejo os outros motoristas, só vejo os carros. É desumano, completamente”, define uma paulistana. (DUARTE apud IJUIM, 2009, p. 95). (Texto na íntegra disponível no Anexo 2).

As metáforas que permeiam este texto são claras. “O congestionamento, algo aparentemente tão impessoal, ganha vida na narrativa de Neide Duarte. Somos “lembrados” pela reportagem que, o que há dentro das máquinas – carros, motos, caminhões, ônibus – são pessoas; que os congestionamentos foram criados por seres humanos e são vivenciados cotidianamente pelos mesmos” (IJUIM, 2009, p. 95). Por fim, prova-se que a linguagem humanizada é, sim, possível. Basta saber olhar sobre o cotidiano. “Coisas ganham sentimentos, expressões, como se fossem humanos e, em sua narrativa, somos convidados a olhar o mundo sob outros ângulos – a começar pela perspectiva do outro” (IJUIM, 2009, p. 96).

Num mundo racional e racionalista, em que a técnica, a simplificação e o reducionismo, e a fragmentariedade imperam no fazer jornalístico, apresentam-se cada vez mais nítidos exemplos concretos de que é possível desconstruir essas certezas absolutas e colocar no centro do texto jornalístico o ser humano e sua complexidade. (...) Circulam pela imprensa diária muitos textos “bem elaborados”, atrativos, recheados de recursos próprios da literatura, mas, onde o ser humano é muitas vezes exposto ao ridículo, vítima de toda ordem de preconceito, numa construção textual que não acrescenta, não constrói, não liberta – muito pelo contrário (IJUIM, 2009, p. 96).

O autor, no entanto, admite que esta prática não será sempre possível, já que é a “hegemonia do jornalismo mecanicista que impera. Mas, em quilômetros de duro cimento, encontrar uma fresta de terra boa, onde seja possível plantar uma semente, deixar brotar uma flor, também faz parte da capacidade do jornalista, mediador entre dois mundos” (IJUIM, 2009, p. 96).

### 3.2.1 Humanização *versus* sensacionalismo

Para distinguir a narrativa humanizada do sensacionalismo basta uma linha tênue. A humanização, como visto anteriormente, descreve com palavras as sensações do repórter, utilizando-se de artifícios linguísticos, como a metáfora, a ironia e demais figuras de linguagem, que, combinadas, representam um sentido explícito de cuidado com o ser humano (IJUIM, 2009). O sensacionalismo faz quase o mesmo: ele presencia uma cena e a descreve, ainda que com detalhes às vezes sórdidos e dispensáveis. Em matérias sensacionalistas pode haver, sim, ironia. Pode haver metáfora. E, na maioria das vezes, de fato o tem. A diferença é seu propósito e como é empregada. Foi Zélia Adghirni (2005) quem disse que o surgimento da indústria cultural separou jornalistas de empresários. Segundo a autora, a introdução das novas tecnologias influenciou de modo extremo na produção e distribuição de notícias. Além disso, a hibridização dos gêneros profissionais e redacionais provocaram, como explora, uma reviravolta sem precedentes no universo jornalístico. Ela ainda diz que a indústria da informação é nivelada pelo equilíbrio entre a oferta e a demanda. Neste aspecto o sensacionalismo também se faz presente e, mais que isso, é ressaltada a necessidade de tomar cuidado para não se aliar a ele. “Mais do que discutir os efeitos das novas tecnologias na produção jornalística, os profissionais deveriam se interrogar se as modernas empresas de comunicação estão de fato respeitando a plenitude do direito à informação e o direito de opinião de todos os grupos sociais, de todos os cidadãos conforme exige a verdadeira democracia” (ADGHIRNI, 2005, p. 46).

Conforme o Dicionário de Comunicação, o apelo ao sensacionalismo pode conter objetivos políticos (mobilizar a opinião pública para determinar atitudes ou pontos de vista) ou comerciais (aumentar a tiragem do jornal, por exemplo) (BARBOSA & RABAÇA, 2002). Os autores também explicam o sensacionalismo como o uso de fatos ou imagens chocantes para atrair a atenção do público. Para tratar sobre o tema, a autora Márcia Amaral (2003) cita Angrimani (1995), que disse que o sensacionalismo é o ato de tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não merecia este tratamento. “O autor afirma que elementos como a proximidade, a subjetividade e a emocionalidade não são apenas estratégias de venda do jornal, mas, para o aporte psicanalítico, respondem a necessidades do leitor” (AMARAL *apud* ANDRIMANI, 2003, p. 134). Para Amaral (2003), a prática sensacionalista pode tanto significar o próprio uso de artifícios inaceitáveis para a ética jornalística, quanto se configurar em “uma estratégia de comunicabilidade com os receptores

através da apropriação de uma matriz cultural e estética diferente daquela que rege a imprensa de referência” (AMARAL, 2003, p. 135).

A prática sensacionalista é o grau mais radical da mercantilização da informação e também nutriente psíquico, desviante ideológico e descarga de pulsões instintivas. As notícias da imprensa sensacionalista sentimentalizam as questões sociais, criam penalização no lugar de descontentamento e se constituem num mecanismo reducionista que particulariza fenômenos sociais. A informação é sensacionalizada para vender mais jornal e se localiza no âmbito do lazer, como contraposição à opressão social do trabalho. O que diferencia um jornal dito sensacionalista de outro dito sério é somente a intensidade (AMARAL, 2003, p. 135).

Amaral (2003) também pontua que considerar a notícia como uma construção que pode assumir determinadas formas narrativas “não é ignorar que ela seja produto de um campo com características e deontologias preservadoras de sua identidade” (AMARAL, 2003, p. 143). Em resumo, o fato de a notícia não ser o espelho do fato, mas sua construção simbólica, não lhe autoriza ser ficção: ela não é uma narrativa qualquer, mas sim algo que está enraizada em padrões linguísticos e éticos. Já o relato de desumanização se mostra pela constatação de intolerância, reforço de estereótipos e preconceito. É importante salientar que quando a imprensa se construiu como instituição empresarial, no século XIX, ela não apenas adotou os modos de produção capitalista, mas também incorporou "o pensamento predominante desse mundo moderno" (IJUIM, 2014, p. 10). O que reforça a ideia de que o 'senso comum' é mais fácil de ser atingido e, por consequência, reproduzido.

#### 4. METODOLOGIA

Por ser uma pesquisa descritiva qualitativa, os dados serão coletados com gravação do material e anotação, visando observar e compreender o contexto do ambiente de estudo em que ocorre e do qual é parte (GODOY, 1995). Em seu caráter qualitativo, o estudo será igualmente descritivo, já que “a palavra escrita ocupa lugar de destaque na abordagem, desempenhando papel fundamental tanto no processo de obtenção dos dados quanto na disseminação dos resultados” (GODOY, 1995, p. 6).

Os dados coletados aparecerão nas transcrições do conteúdo e anotações de campo. A pesquisa será construída igualmente através do referencial teórico dos autores Aronchi de Souza (2004), Barbeiro e Lima (2004), Curado (2002), Ijuim (2009-2014), Klein (2013), Marques de Melo (2003), Paternostro (2006), Rezende (2002), Squirra (1993) e Vizeu (2002). A ênfase sobre a linguagem humanizada, especificamente, deve estar nos estudos desenvolvidos por Ijuim, nos anos de 2009 e 2014. Quanto à amostragem, os programas foram baixados da página oficial do Jornal Nacional (g1.com.br). O esquema de escolha das datas de análise ocorreu mediante o conceito de Semana Construída (BAUER, 2000), na qual escolhem-se dias de um mês (segunda, quarta e sexta-feira) e no outro o seu complemento (terça, quinta e sábado). Desta forma é possível ter um panorama geral e sequencial de vários programas aleatórios, mas que contemplem todos os dias da semana.

##### 4.1 Modos de endereçamento

A metodologia deste estudo irá acontecer através da teoria dos Modos de Endereçamento, apresentado pela primeira vez por Gomes (2007). O foco, mesmo em estágios ou níveis diferentes, é tido sobre os receptores e a recepção da mensagem simbólica. Conforme a autora, o conceito de Modo de Endereçamento surge na “análise fílmica, especialmente vinculada à *screen theory* e tem sido, desde os anos 80, adaptado para interpretação do modo como os programas televisivos constroem sua relação com os telespectadores” (GOMES, 2007, p. 16). A metodologia do Modo de Endereçamento é construída sobre o que é característico das formas e práticas específicas de um determinado programa. Ele diz respeito ao modo como um programa tenta estabelecer uma relação particular com a sua audiência.

A análise do modo de endereçamento associada ao conceito de gênero televisivo deve nos possibilitar entender quais são os formatos e as práticas de recepção solicitadas e historicamente construídas pelos programas jornalísticos televisivos.

Na nossa perspectiva, o conceito de modo de endereçamento tem sido apropriado para ajudar a pensar como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais (GOMES, 2007, p. 20).

A autora utilizou David Morley (1978, 1999), John Hartley (1997, 2000, 2001) e Daniel Chandler (2003) como referenciais para a sua teoria. Segundo ela, eles articulam os modos de endereçamento para compreender a relação de interdependência entre emissores e receptores na construção do sentido do texto televisivo. Em resumo, o conceito de modo de endereçamento se refere ao modo de como determinado programa se relaciona com a sua audiência. O estudo segue a partir da construção de um estilo, que nasce para o distinguir dos demais. Para a sua análise, é necessário considerar elementos que configuram dispositivos propriamente semióticos da televisão, como os recursos da linguagem televisiva e recursos propriamente verbais, além daqueles de filmagem e edição. A intenção é chegar ao que é específico da linguagem televisiva, tal como construída e, conseqüentemente, compartilhado com a audiência. De modo geral, os operadores de análise deste método são denominados, como: O mediador; Temática, organização das editoriais e proximidade com a audiência; O pacto sobre o papel do jornalismo; O contexto comunicativo; Os recursos técnicos a serviço do jornalismo; Recursos da linguagem televisiva; Formatos de apresentação da notícia; O texto verbal; e a Relação com as fontes de informação. Esta pesquisa, no entanto, irá trabalhar com apenas dois operadores de análise: O contexto comunicativo e O texto verbal, já que ele está direcionado especificamente à linguagem utilizada no telejornal.

1. O contexto comunicativo. É o contexto em que o programa televisivo atua – aquele que compreende tanto emissor, quanto receptor, além das circunstâncias espaciais e temporais em que o processo criativo se dá. “A comunicação tem lugar em um ambiente físico, social e mental compartilhado. Isso pode ser melhor explicado pelo recurso à noção de instruções de uso de um texto, ou seja, aqueles princípios reguladores da comunicação – os modos como os emissores se apresentam, como representam seus receptores e como situam uns e outros em uma situação comunicativa concreta”, defende Gomes (2007, p. 5). Conforme a autora, um telejornal sempre vai apresentar definições dos seus participantes, objetivos e modos de comunicação, explicitamente. Ela cita exemplos como o tradicional ‘você, amigo da Rede Globo’ ou ‘para o amigo que está chegando em casa agora’; ‘esta é a principal notícia do dia’, entre outros.

2. O texto verbal. A sua análise revela estratégias empregadas pelos mediadores para construção das notícias, interpelando diretamente na audiência e, por fim, compondo credibilidade. Gomes (2007) se referencia em Vizeu (2002), que adota como modalizadores de atualidade, objetividade, interpelação, leitura e modalizador didático (VIZEU, 2002).

Ambos irão auxiliar na construção de análise do tema proposto – a linguagem humanizada no Jornal Nacional – visando contribuir com a maior compreensão deste tema. Como parâmetro para análise, serão identificados nos textos das matérias do telejornal a existência do relato humanizado conceituado por Ijuim (2009-2014) e Gomes (2007). Dentre os critérios estão a existência de figuras de linguagem (prosopopeia, metáfora, metonímia, ironia e antítese), da linguagem conotativa (FARACO & MOURA, 2001), o modelo de crônica (BENDER & LAURITO, 1993) e dos gêneros ‘História de interesse humano’ e ‘Informação pela imagem’ (MELO, 2010).

#### **4.2 O Jornal Nacional**

“O Jornal Nacional da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o Brasil. Dentro de instantes, a grande escalada nacional de notícias”. Hilton Gomes e Cid Moreira deram voz ao programa que se tornaria, a partir de então, um dos ícones do telejornalismo brasileiro. Nascido no primeiro dia de setembro de 1969, o Jornal Nacional (JN), como o próprio nome diz, fez revolução por querer integrar o país de Norte a Sul: foi o primeiro telejornal em rede do Brasil. Conforme publicação institucional, o Jornal Nacional nasceu da “paixão pela notícia e pela busca permanente de formas eficientes de transmitir informação correta ao maior número possível de cidadãos” (MEMÓRIA GLOBO, 2004). Por outro lado, o JN foi construído sobre fatores específicos de sua época. O clima de reintegração no Brasil e outros aspectos facilitaram a ascensão da Rede Globo no país – animado desde os anos 1950, pela construção de Brasília e também “estimulado pelos governos militares a partir de 1964. Em 1965, dois fatos seriam decisivos para garantir esse processo: a inauguração da TV Globo, em abril, e a criação da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), em setembro” (MEMÓRIA GLOBO, Jornal Nacional, 2004, p. 17).

O JN, vindo para competir com o telejornal Repórter Esso<sup>5</sup>, exibido pela já extinta TV Tupi<sup>6</sup>, “era parte estratégica de um ambicioso projeto de Walter Clark [então diretor-geral da TV Globo] e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho [Boni, na época superintendente de programação da empresa], para transformar a Globo na primeira rede de televisão do Brasil. O objetivo era gerar uma programação uniforme para todo país, diluindo, assim, os custos de produção dos programas” (GLOBO, Memória, 2004, p. 28). O telejornal, portanto, presenciou e fez parte do ponto alto da Ditadura Militar, momento em que a pressão sobre os meios de comunicação era intensa.

Os militares queriam mostrar que o Brasil era um país de primeiro mundo e montaram a Embratel. Nós imaginamos que a primeira utilização óbvia dos enlaces das microondas seria o jornalismo, então começamos a pensar num programa nacional. Havia um interesse comercial muito grande e, paralelamente, pensávamos que seria um primeiro serviço que a televisão prestaria, dando um passo além do simples entretenimento (GLOBO, Memória apud BONI, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, 2004, p. 28).

Historicamente, quanto ao texto, o Jornal Nacional, “apesar de manter um certo grau de formalidade, sempre buscou um tom coloquial e de fácil entendimento, afastando-se da pomposidade que até então caracterizava o telejornalismo” (GLOBO, 2004, p. 62).

Apesar de, nos primeiros anos, ter buscado enfatizar a importância da imagem para a informação, logo resolveu fazer uma campanha pela valorização da palavra. Segundo ele, a decisão foi tomada quando percebeu que os jornalistas estavam reduzindo o texto a sua expressão mais simples, banalizando o idioma e empobrecendo a linguagem (GLOBO, Memória, 2004, p. 62).

A sistematização da linguagem veio em 1975, quando Armando Nogueira e Alice-Maria criaram o primeiro manual de redação do JN. Em seis páginas mimeografadas estavam as principais regras sobre o texto telejornalístico do programa. “Recomendava que os textos fossem curtos e objetivos e estimulava o uso de palavra mais elaboradas. Afinal, a preocupação com a linguagem coloquial não deveria tornar o vocabulário pobre e vulgar” (GLOBO, 2004, p. 62). Com 46 anos atualmente, o Jornal Nacional segue no ar, de maneira ininterrupta, desde o seu nascimento. Os apresentadores atuais são Willian Bonner (também editor-chefe) e Renata Vasconcellos (editora-executiva). Com cerca de 45 minutos de

<sup>5</sup> O Repórter Esso foi sucesso nas rádios brasileiras desde o seu nascimento – em 1941, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. O programa surgiu como uma alternativa de aproximar as ideologias estadunidenses com a América Latina durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1952 o programa migrou para a televisão, através da TV Tupi, onde perdurou até o fim de 1968. (KLÖCKNER, 2001).

<sup>6</sup> A TV Tupi foi a primeira televisão brasileira. Idealizada pelo jornalista Assis Chateaubriand. Todos os equipamentos foram comprados nos EUA. O patrocínio veio de empresas brasileiras – que, em troca, pediam longos contratos publicitários (LINS, 2013). A inauguração foi no dia 18 de setembro de 1950.

programação diária, o telejornal é exibido de segunda a sexta-feira, a partir das 20 horas. Mesmo com seu caráter primordialmente tradicional, em 2015 o formato do telejornal foi alvo de transformações que repercutiram em toda a imprensa nacional.

Um dia após as comemorações pelo cinquentenário da TV Globo, o ‘Jornal Nacional’ foi ao ar com novidades na noite desta segunda-feira, 27. Quem sintonizou a emissora ou alguma de suas afiliadas teve contato visual com um combo de mudanças: vinheta, imagens ao fundo, bancada, postura dos apresentadores, tomadas das câmeras e garota do tempo. Tudo isso foi alterado em comparação com a edição do noticiário transmitida no último sábado, 25. (COMUNIQUE-SE, 2015, disponível em <http://portal.comunique-se.com.br/index.php/jo-com/77115-ancoras-em-pe-e-tela-em-tamanho-real-sao-destaques-do-novo-jornal-nacional>).

O Portal Comunique-se, *site* de informações sobre a imprensa brasileira, destacou as mudanças do Jornal Nacional, que foram ao ar no dia 27 de abril de 2015. O programa, a partir dessa data, passou a ser transmitido em uma bancada menor, “juntando ainda mais os âncoras William Bonner e Renata Vasconcellos e permitindo tomadas de câmeras que até então não eram feitas – como se aproximar da dupla pela “quina” da bancada” (COMUNIQUE-SE, Portal, 2015). Mesmo que a redação siga atuando abaixo do cenário do telejornal, os recursos visuais ficaram mais ‘clean’, “com a ideia de auxiliar no entendimento do público” (COMUNIQUE-SE, Portal, 2015). No cenário, outro ponto forte apontado pelo site foi a utilização do telão para transmitir o quadro de previsão do tempo – que passa a ser ao vivo – e de links comandados por repórteres. “Além de o fato do recurso nunca ter sido utilizado na história do ‘Jornal Nacional’, foi a questão do telão reproduzir o tamanho real dos jornalistas que nele aparecem” (COMUNIQUE-SE, 2015). Outra grande mudança foi o fato dos apresentadores, pela primeira vez na história do telejornal, se colocarem em pé no estúdio.

A mudança da postura ocorreu ainda no primeiro bloco do noticiário, com William Bonner deixando a sua cadeira (ao lado esquerdo da tela) para se dirigir ao lado do painel para chamar Clayton Conservani e Carol Barcellos, que, em link, relataram os últimos momentos enfrentados por quem está no Nepal, país atingido por terremotos no sábado, 26. Após as informações dos jornalistas que estão na Ásia, Renata Vasconcellos também apareceu em pé, ao lado do companheiro de bancada. (COMUNIQUE-SE, 2015).

Todas essas mudanças repercutiram na mídia, visto a postura tradicional (apresentadores sentados, fala pontuada, sem grandes mudanças desde o seu lançamento) transmitida pelo programa. Quanto a estrutura do telejornal, produzida há quase 10 anos, Gomes (2007) diz que o JN costuma apresentar nos primeiros blocos as reportagens sobre os

assuntos ou fatos ocorridos no Brasil que se destacam pelo caráter de impacto, como tragédias ou denúncias – e que, segundo ela, são reproduzidas independentemente da editoria a que pertençam, com fim de “seduzir o telespectador”. Ela também analisou que “as reportagens da editoria de esportes e/ou as da área social de repercussão positiva sempre encerram o telejornal, ainda fiel ao padrão de aliviar as tensões do telespectador que acaba de ser bombardeado de notícias negativas” (GOMES, 2007).

### 4.3 DESCRIÇÃO DAS REPORTAGENS

A seguir apresenta-se a descrição das reportagens nas quais buscar-se-á características de linguagem humanizada encontradas nos telejornais do universo da pesquisa. As palavras em negrito chamam atenção para uma das características apontadas no referencial teórico desta pesquisa e que serão pormenorizadas após cada descrição.

#### 4.3.1 Edição de quarta-feira, 18 de novembro de 2015 (Anexo 3)

Programa com duração de 54 minutos, com quatro blocos. A linguagem humanizada pôde ser vista em três momentos. Foram identificados textos no estilo crônica – no primeiro e terceiro bloco do telejornal. Os atentados terroristas na França eram as notícias de destaque.

##### Reportagem 1

- Chamada / Âncora: Renata Vasconcellos – Bloco 01 – Início 5'55 | Fim 8'

Para quem mora perto dos atentados de sexta, essa foi a segunda noite de medo. Os enviados especiais, Pedro Vedo e Sérgio Gilz, conversaram com esses moradores.

Narração *off*: **Milhares de pessoas se descobriram vizinhas do terror**. O pesadelo acordou a pequena Saint Denis. As ruas isoladas dividiram famílias. **Muitos se entrincheiraram em casa**. Outros, do lado de fora, não puderam entrar. Pontos interrompidos, ônibus desativados, postos de controle. A paralisia era total. A população, ansiosa, buscava respostas, notícias. A polícia avistava o perigo em todas as direções. Agentes arrombaram a igreja atrás de um suspeito. O padre explicou que era só um fotógrafo. **A ansiedade dos policiais era a ansiedade de todos**.

Passagem<sup>7</sup>: Nove horas depois da invasão, **uma cidade inteira trancada começa a voltar para as casas**. O problema é que esta normalidade aparente vai esbarrando em novos cordões de isolamento. A polícia vai pedindo para que as pessoas se afastem deste lugar e a população e jornalistas vão buscando entender o que aconteceu com essa cidade.

Narração *off*: E de repente o reencontro, a mãe **afrita** apertava a família. Conferia, entre beijos, se tudo estava em seu lugar. O menino **valente** conta todos os detalhes do que aconteceu: horários, movimentos, tipos de arma e o abrigo no vizinho de cima. Revia toda a cena outra vez. **Há um abatimento familiar em toda cidade**. Este homem acordou com

---

<sup>7</sup> Momento em que o repórter aparece na gravação da reportagem, geralmente mostrando o local onde a ocasião aconteceu. Serve também como 'ponte' para a matéria, fazendo ligação entre um trecho e outro do acontecimento (SQUIRRA, 1993, p. 169).

barulho. Mora a 300 metros do apartamento invadido, viu fumaça por todo lado. Esta mulher assistiu aos raios lasers das miras das armas da polícia. *Sahib* agarrou o filho de dois anos e se agachou até o banheiro. Ela disse que o prédio balançava a ponto de parecer que ia desabar.

**Diante de tantas aflições, um grupo especial se destaca. O governo francês enviou psicólogos para cuidar destes novos traumas.**

### **Análise:**

Vale destacar que todas as sonoras foram gravadas enquadrando repórter e entrevistado. Em todo o texto se vê o sentido de conotação, momento em que uma palavra emprega, em si, um sentido figurado, ou seja, ela é subjetiva e sua percepção varia de indivíduo para indivíduo (FARACO & MOURA, 2001). Dentre os trechos, destaca-se:

- **Metonímia:** “Milhares de pessoas se descobriram vizinhas do terror”. O ato de “se descobrir vizinho do terror” é extremamente subjetivo; neste aspecto, o repórter se referiu ao “susto” que moradores da cidade francesa de Saint Denis levaram ao descobrir repentinamente a existência de um grupo de terroristas no local. Na outra frase: “Muitos se entrincheiraram em casa”, o verbo “entrincheirar” representa armar trincheira, proteger-se, armar-se (LUFT, 2000). Neste caso, os moradores não criaram, literalmente, trincheiras de guerra em suas casas; eles se esconderam ali, buscando proteção. A metonímia é a representação da palavra que tinha originalmente um significado (proteção nos campos de batalha da guerra) e, mudando de contexto, passa a ter outro. A conotação é o que dá subsídio à frase, alcançando-lhe entendimento.
- **Prosopopeia:** “A polícia avistava o perigo em todas as direções. (...) A ansiedade dos policiais era a ansiedade de todos”. O conceito de prosopopeia é atribuir características, sentimentos e ações aos mais variados seres, transformando-os em personagens (IJUIM, 2009). Neste caso, é a polícia e os policiais que resumem a ansiedade da população no momento de tensão.
- **Crônica:** Quando o repórter se utiliza dos termos “aflita” e “valente”, ele adjetiva o texto, conscientiza os personagens de suas ações. Apesar dos manuais de jornalismo abominarem o uso de adjetivos, eles aparecem neste texto, que traz em si muitas características da crônica jornalística, que, como explicam Bender e Laurito (1993), a intenção não é mostrar, por exemplo, a princesa da Inglaterra em si, propriamente dita, mas como todos a apreciam, por tais qualidades.

## Reportagem 2

### - Chamada / Renata Vasconcellos – Bloco 02 – Início: 22'

A lama que invadiu o leito do Rio Doce, no desastre ambiental de Mariana, em Minas Gerais, chegou a uma das maiores cidades do Espírito Santo. Colatina cortou o abastecimento de água e começou a perfurar poços.

Narração *off*: **A lama foi chegando devagar**, a um quilômetro por hora. Mas quando entrou no município de Colatina, por volta de meia noite, a suspensão do abastecimento foi imediata. **E a dona Jaldete logo percebeu: parou de chegar a água que ela usa na mangueira. E dentro de casa, ela aproveita a água que já estava na caixa.** Essa aí é extra: ela comprou *pra* armazenar mais água. O tanquinho da máquina de lavar roupa ganhou a mesma função. O Rio Doce é a única forma de captação de água para as 122 mil pessoas que moram em Colatina. E a cidade montou um plano de emergência *pra* atender todo mundo. A Samarco, que pertence a Vale e a PHP, é a empresa responsável pela barragem que cedeu em Minas Gerais. É ela que está perfurando seus poços na cidade, a pedido da Prefeitura de Colatina. Mas não é tão fácil encontrar água. Esse foi a 120 metros de profundidade. E não achou nada. Já esse outro conseguiu e a água começou a jorrar hoje de manhã.

Passagem: Para buscar a água nos poços e também em lagoas aqui da região, 80 carros pipa já estão aqui em Colatina. Outros ficam parados assim perto de hidrantes e em locais estratégicos também. No final dessa rua, por exemplo, tem um hospital e logo aqui atrás tem uma escola, que tem prioridade no abastecimento.

Narração *off*: Para atender as casas o Exército instalou esses reservatórios de 10 mil litros nos bairros. **Um reservatório ficou bem ao lado da casa do seu Leoni.** A Prefeitura informou que está analisando a qualidade da água do Rio Doce e que por enquanto não pode informar exatamente quando Colatina vai voltar a poder usar essa água. Baixo Guandu, a primeira cidade capixaba a receber a lama, consegue garantir o abastecimento dos moradores utilizando outro rio. **Um alívio para quem se entristece com a visão atual da água do Rio Doce.**

### Análise:

- **Relato humanizado:** A notícia é sobre a lama, que chegava no leito do Rio Doce, na cidade de Colatina, do Espírito Santo. Situação desastrosa para os 122 mil habitantes do município. A dimensão do fato, no entanto, fica a cargo de dona Jaldete e seu

Leoni: dois moradores dos bairros que estão sentindo na pele o desastre ambiental. A ‘dona Jaldete’ e o ‘seu Leoni’, são ambientados como ‘cidadãos brasileiros’ quando tratados pelo primeiro nome (GOMES *apud* PALLOTTINI, 2007). Essa aproximação se vale da “construção de cenários específicos e da encenação da vida cotidiana” (GOMES, 2007, p. 14) – ou seja, a mulher que não tem mais água na mangueira do pátio de casa e que precisou comprar uma caixa d’água extra e o senhor idoso que ficou com um reservatório do Exército bem próximo de sua casa

### Reportagem 3

- Chamada / Âncora: William Bonner – Bloco 03 – Início: 28’ | Fim: 31’11

Nesse desastre de Minas Gerais, até agora sete corpos já foram identificados. Quatro ainda aguardam reconhecimento e 12 pessoas ainda estão desaparecidas.

Narração *off*: **A lama que engoliu um rio inteiro também enterrou histórias. Esta era a casa do pai do Reginaldo. Não sobrou nenhum quadro na parede.** A criação de galinhas foi soterrada. A família conseguiu sair antes da lama chegar.

Passagem: Quem conseguiu fugir da avalanche de lama ou foi levado para hotéis ou para casas de apoio. **É o caso da dona Maria da Penha, 70 anos, que passou por um resgate dramático.** A perna dela já estava quebrada e ela estava com dificuldade de locomoção. Ela viu a lama chegando bem próximo a casa dela. Só no dia seguinte ela conseguiu finalmente ser resgatada por helicóptero e foi levada para casa de parentes. (Falando com a personagem, que está deitada em uma cama) Dona Maria da Penha, uma imagem que a senhora não esquece. (Personagem, em tom de voz baixo e rouco) “Não esqueço nunca...”

Narração *off*: A filha de dona Maria da Penha ajudou a arrastar a mãe para que ela não fosse coberta pela lama. Em Gesteira, um distrito de Barra Longa, um grupo de motoqueiros ajudou a polícia militar a recuperar obras sacras de grande valor histórico que haviam sido roubadas da igreja depois do rompimento da barragem. Em Bento Rodrigues, oito famílias tiveram autorização para tirar móveis e outros pertences de dentro de casa. **Entre os desaparecidos desta tragédia está a mãe de Vanderlei.** Ele não cansa de buscar informações. **A cada dia que se passa um pouquinho da esperança dele vai embora com a lama que desce pelo rio.**

### Análise:

- **Conotação/Metonímia/Prosopopeia:** “A lama que engoliu um rio inteiro também enterrou histórias”. Quando o repórter diz que a lama que engoliu um rio inteiro enterrou também histórias, ele dá outro sentido às palavras ‘engolir’ e ‘enterrar’, conforme compreendido pelo conceito de metonímia. A prosopopeia está presente no momento em que a lama é personificada, passando a ser o sujeito da ação. Ela (a lama) foi tão forte que engoliu um rio inteiro e enterrou histórias.
- **Discurso humanizado:** “Esta era a casa do pai do Reginaldo. Não sobrou nenhum quadro na parede. A criação de galinhas foi soterrada. (...) Entre os desaparecidos desta tragédia está a mãe de Vanderlei. Ele não cansa de buscas informações. (...) A cada dia que se passa um pouquinho da esperança dele vai embora com a lama que desce pelo rio.”. Aqui se destaca o discurso humanizado pois o norte da matéria está nos personagens, que são “o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista” (IJUIM, 2014, p. 13). A busca em mostrar a versão dos personagens existe para estender ao público mais que a explicação de um fato – neste caso os prejuízos da queda da barragem de Mariana, MG – mas a totalidade das ações humanas.

#### 4.3.2 Edição de quinta-feira, 26 de novembro de 2015 (Anexo 3)

O telejornal desta data apresentou, majoritariamente, notícias sobre a prisão do senador Delcídio do Amaral e seu envolvimento na Operação Lava Jato: foram mais de 20 minutos de atenção à prisão do político em 43 minutos de programação. O aspecto de linguagem humanizada, no entanto, apareceu em duas ocasiões. A primeira, apresentada no segundo bloco, tratou de filhotes de tartaruga que receberam atendimento do Projeto Tamar para não ir em direção da lama após o rompimento da barragem da Samarco atingir o litoral do Espírito Santo. A segunda ocasião foi a apresentação do atleta Dante na casa de uma família que estava inscrita para ser voluntária nas Olimpíadas do Rio. É ele quem dá o fio condutor da história – tendo o repórter apenas como alicerce textual e de edição.

#### Reportagem 1

- Chamada / Âncora: Renata Vasconcellos – Bloco 02 – Início: 22’ | Fim: 24’10

No litoral do Espírito Santo, *pra* proteger da lama os filhotes de tartaruga, os biólogos do Projeto Tamar tiveram que mudar de estratégia.

Narração *off*: **Fim de tarde e algumas já começam a chegar. Essa aí saiu da água, andou um pedaço na areia, mas não colocou os ovos. É normal. Às vezes elas se assustam, desistem e voltam para o mar.** O que nunca ninguém imaginou é que um dia o mar aqui estaria com lama de rejeito de minério. A praia de Regência é um dos principais no país de desova de tartarugas. Tem quase 700 ninhos, que são marcados por estacas na areia. E a lama não tinha hora pior *pra* chegar aqui. Novembro é o mês que tem mais desova e o nascimento dos filhotes está começando agora. Por isso quando souberam que tinha lama a caminho, os pesquisadores tiraram alguns ovos da foz do rio que era assim (rio sem lama) e ficou assim (com a lama chegando). Os ovos foram enterrados em outro ponto da praia e chegou a hora de nascer. Geralmente elas saem sozinhas dos ninhos. Mas agora... (sonora especialista do projeto) “É uma espécie de cesariana, porque a gente teve que abrir o ninho”.

Passagem: Logo que sai do ninho, o filhotinho de tartaruga não para. Ele vai direto aqui em direção ao mar. Em condições normais o pessoal do Projeto Tamar não interfere, mas agora eles até pedem que a gente dê essa ajuda aqui (**pega a tartaruga na mão**) e entregue aqui. **Olha aqui ó, tem um fujão.** Porque com essa lama toda, o trajeto está alterado.

Narração *off*: **Desses dois ninhos saíram 118 tartaruguinhas, que não foram direto para o mar.** Primeiro ficaram guardadas nessas caixas. **O pessoal do Projeto Tamar**, para tentar salvá-las, levou para mais de 20 km ao sul da praia, onde a lama ainda não chegou. **Lá, sim, elas foram liberadas, seguiram o instinto e foram para o mar.** É uma tentativa, mas não uma garantia, de que vão escapar deste desastre ambiental. (Encerra com sonoras de biólogos do Projeto Tamar).

#### **Análise:**

- **Reportagem:** A história sobre as tartarugas que nascem e são levadas para outro lugar por conta da lama da barragem da Samarco poderia ser transcrita como uma notícia simples, mas foi retratada com profundidade pelo repórter. Ele mostra as tartarugas, pega-as na mão, mostra dados e percorre todo o caminho de soltura – 20 km da praia da Regência, no Espírito Santo – o que caracteriza a diferenciação entre uma notícia e uma reportagem. Na reportagem é possível aprofundar os fatos, entrevistar um número maior de fontes e contar com uma produção mais elaborada que auxilie no contar de uma história (BARBEIRO & LIMA, 2002).

- **Texto verbal:** Durante a passagem, o repórter fala, ao pegar uma das tartarugas na mão: “Olha aqui ó, tem um fujão”. A linguagem empregada se encaixa no operador de análise do texto verbal – ou seja, a estratégia empregada pelo mediador para construir a conexão com a audiência. Ele faz uso, também, de figura de linguagem conotativa, não insinuando que a ‘fuga’ seria proposital, mas uma leitura do movimento de uma das tartarugas que, instintivamente, ia em direção ao mar minutos após seu nascimento. O mesmo acontece na frase ‘Lá, sim, elas foram liberadas, seguiram o instinto e foram para o mar’. O ‘lá’ refere-se à praia que fica a 20 km de distância, mas, por coloquialidade, foi transformada em advérbio, que, portanto, conta também como figura de linguagem, como explica Ijuim (2009). Ele serviu para realçar sonoridade, comparou e buscou ampliar a compreensão do texto (IJUIM, 2009, p. 95), caracterizando como linguagem humanizada.
- **Prosopopeia/Texto verbal:** Quando o repórter chama os filhotes de tartarugas de ‘tartaruguinhas’, esta pode, também, ser considerada uma prosopopeia, já que as personifica, transformando-as em alvos carismáticos do público. O mesmo acontece quando o mediador se refere aos biólogos da organização como ‘o pessoal do projeto Tamar’ – ele dá o tom de coloquialidade para que logo de início haja simpatia com a audiência, fator que também se enquadra na teoria de Texto verbal, já que é uma estratégia de identificação utilizada pelo repórter (GOMES, 2007).

## Reportagem 2

- Chamada / Âncora: William Bonner – BLOCO 06 – Início: 40’ | Fim: 42’47

A organização das olimpíadas do Rio *tá* divulgando agora à noite os nomes dos 50 mil voluntários selecionados para trabalhar nos jogos. E os integrantes do primeiro grupo são todos da mesma família.

Narração *off*: **Essa medalha é cheia de lembranças.** Nas olimpíadas de Barcelona, em 92, o Brasil conquistava o lugar mais alto do pódio. Dante lembra também dos bastidores, da amizade entre atletas e voluntários.

Passagem: O trabalho voluntário é espontâneo, **feito de coração**. Nessa casa aqui moram cinco pessoas que querem muito trabalhar nas olimpíadas de 2016. Mas ninguém sabe que foi escolhido. Quem vai trazer essa mensagem é o Dante. **Olha só.** (Cumprimentos; som ambiente)

Narração *off*: Carla, que já é voluntária na organização dos jogos, nos apresenta a família. (Sonora: “Esse é o time!”) Todos ansiosos por uma vaga. (**Dante fala: hoje vai sair a lista dos 50 mil convocados pra seleção das olimpíadas e eu fui convocado para passar a informação que vocês foram convocados; aplausos; abraços**).

Narração *off*: **Dona Maria Auxiliadora já correu cinco maratonas e está cheia de disposição para ajudar no atletismo. Osmar foi jogador profissional de basquete. O Pedro Ivo quer ser jogador de futebol. E o João Pedro sonha em ser diplomata e fala quatro idiomas.** A família *tá* pronta pra ajudar. Bem, o João Pedro até ganhou a camisa, mas não pode ser voluntário. É menor, só tem 15 anos. Nem por isso, menos satisfeito. Dante lembra que voluntários têm o privilégio de ficar **pertinho das estrelas**. (**Som ambiente; abraços; entrega a medalha para dona Maria**).

#### Análise:

- **História de interesse humano:** A pauta é simples: uma família quer ser voluntária nas Olimpíadas do Rio de Janeiro e um dos medalhistas dos jogos de Barcelona de 1992, Dante, foi escalado para contar a novidade de que todos foram escolhidos para o trabalho. Ainda que seja interessante por si só, o espectador quer entender o motivo desta família, em específico, ter sido escolhida. Como explicar isso? No texto, o repórter fala um pouco das particularidades de cada integrante. **“Dona Maria Auxiliadora já correu cinco maratonas e está cheia de disposição para ajudar no atletismo. Osmar foi jogador profissional de basquete. O Pedro Ivo quer ser jogador de futebol. E o João Pedro sonha em ser diplomata e fala quatro idiomas”**. Somado a isso, o texto serve apenas como um suporte ao encontro: as sonoras da conversa entre o atleta e os integrantes da família são o foco da reportagem. Por isso ela pode ser caracterizada como uma História de interesse humano, conforme o conceito de Marques de Melo (2003). Este modelo não se diferencia em nada da reportagem em si, mas é reparado em sua dimensão para retornar o interesse e atenção do público com ajuda de personagens que auxiliem no contar da história (MELO, 2003). A história de interesse humano está intrinsecamente ligada à linguagem humanizada. Ijuim (2014) diz que sua intenção é produzir narrativas em que “o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que

este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista” (IJUIM, 2014, p. 13).

- **Contexto comunicativo:** É o atleta medalhista das Olimpíadas de Barcelona, Dante, quem dá o tom da conversa: a notícia está no fato de ele ir, pessoalmente, informar uma família de que todos foram escolhidos para ser voluntários nas Olimpíadas. O contexto comunicativo está na certa institucionalidade do seu ato: o fato do próprio medalhista ter ido até a casa dos personagens ressalta a proximidade não apenas das Olimpíadas, mas do jogador ter entrado na residência destas pessoas e entregado, ali, um certificado (a medalha simbólica) de presença nos jogos. O contexto comunicativo é aquele que compreende tanto emissor, quanto receptor, além das circunstâncias espaciais e temporais em que o processo criativo se dá. O diferencial, neste caso, foi no uso do texto, que não foi necessariamente contado pelo repórter, mas pelo atleta que foi visitar a família – ele era o fio condutor da matéria.
- **Figuras de linguagem:** As expressões ‘esta medalha é cheia de lembranças’; ‘feito de coração’ e ‘pertinho das estrelas’ revelam uso da linguagem conotativa no texto do jornalista.

### 4.3.3 Edição de sexta-feira – 4 de dezembro de 2015 (Anexo 3)

No total de mais de 43 minutos de telejornal, apenas uma matéria foi destacada com potencial linguagem humanizada. Para ela, no entanto, foi dedicado quase todo o segundo bloco: dos oito minutos totais do bloco, cinco foram ocupados pela reportagem. Também pode-se destacar que no programa desta sexta-feira, os primeiros três blocos foram dedicados a matérias de cunho geral (estatísticas do IBGE sobre empregabilidade dos jovens, confronto nas escolas ocupadas de São Paulo e investigações sobre o Estado Islâmico são alguns dos exemplos). O quarto e último bloco, tiveram como foco a abertura de processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff.

#### Reportagem 1

- Chamada / Âncora: Renata Vasconcellos – Bloco02 – Início: 14’15 | Fim: 19’20

A tragédia da lama completa um mês amanhã. Os repórteres Phelipe Siani e Tiago Capelle foram até Bento Rodrigues. Eles mostram agora a destruição impressionante do distrito e o drama de quem perdeu tudo.

Narração *off*: A escola municipal de Bento Rodrigues, até pouco mais de um mês atrás. **Lugar colorido, alegre.** Escola municipal de Bento Rodrigues hoje. **Agora, prédio marrom. Silencioso. Onde no refeitório nada mais se come. No cantinho da leitura, nada mais se lê.**

Passagem: Aqui era o pátio onde as crianças mais brincavam na escola. **Como a gente sabe disso? Pela única ponta da gangorra que ficou para fora da lama e pelo balanço, lá no fundo, soterrado.**

Narração *off*: A Marli chegou a trabalhar na escola, mas o único pátio em que ela trabalha agora, com passos acanhados, é esse. Lugar que ela foi obrigada a reconhecer como novo lar. Um alojamento de um hotel com muitas pessoas convivendo juntas. **Pra se distrair, a Marli tem só duas agulhas e um novelo de lã. Mas como é difícil não errar o trançado pensando em tudo que aconteceu há um mês.** (Sonora – conta que a mãe foi levada pela lama). É por isso que hoje o irmão dela passa os dias assim, deitado na cama. **Faz dois anos que ele tava construindo uma casa em Bento Rodrigues pra morar com a esposa e com a mãe. A tragédia levou a casa e levou a mãe.** (Sonora – “eu não tenho vontade de ficar vivo mais não”). **Depois da nossa entrevista** a Marli resolveu voltar para Bento Rodrigues pela primeira vez desde a tragédia. Com medo do que ia encontrar, levou uma amiga que perdeu tudo. **E como foi duro pra Eliziane entender que o lugar onde ela cresceu correndo e brincando com as amigas virou um deserto onde até caminhar é perigoso. Agora nada mais que um terreno lamacento de memórias.** (Sonora: Eliziane mostra o anel encontrado no barro que era da mãe, as chaves da casa, onde eram os quartos, a sala). Vizinha à casa da Eliziane ficava a casa do Marcelo, irmão da Marli, que tentava construir havia dois anos.

**Passagem:** A lama veio de lá para cá. Quando ela chegou na parede aqui dessa casa ela destruiu boa parte da construção, entrou com muita violência por aqui, inclusive carregando esse colchão que era de outra casa. Carregando também uma geladeira que foi parar lá em cima, no teto. A gente não consegue nem identificar que cômodo é esse. A gente só vê que aqui, pelo desenho, tinha uma porta, só que o buraco que a lama abriu por aqui foi gigantesco e seguiu destruindo tudo o que vinha pelo caminho. O nível da lama aqui *tá* tão alto que a gente consegue chegar no telhado da casa. E é só a gente arrancar umas telhas aqui (tira as telhas) *pra* perceber que a casa *tá* totalmente tomada pela lama.

Narração *off*: Até que os rastros da destruição levam a Marli onde ela queria chegar. (Sonora – mostra o shampoo da mãe. “A lama cobriu tudo”).

### Análise:

- **História de interesse humano:** Como saber se encontramos (ou não) a linguagem humanizada? Basta analisar a existência dos personagens. Nesta matéria, em específico, são basicamente eles quem constroem a narrativa. Este recurso causa aproximação com o espectador – já imaginou ter que voltar para a sua casa depois de um mês e encontrar suas chaves, seus objetos, sua sala, cheios de lama? Ao invés de dizer que tantas pessoas estavam fora de casa por conta da queda da barragem, um recorte de tantas outras histórias sensibilizou o acontecimento. Curado (2002) defende este modelo. Ela diz que “a informação crua, embora correta, não tem nenhum impacto” (CURADO, 2002, p. 43). A emoção, ela afirma, é compreendida quando retratada em outro semelhante. “Toda tragédia tem um ser humano e o ser humano tem que se revelar, e toda história tem uma pessoa, pois sem ela não é uma história. Se não mostrarmos a pessoa, estamos fazendo o anuário estatístico do IBGE. Está claro: temos que ter o personagem, a história e a emoção” (CURADO, 2002, p. 43). O interesse humano está no homem que queria construir uma casa para a mãe e a esposa, mas a lama destruiu toda a casa (e, como se não bastasse, também desapareceu com a mãe). Provas que provocam o interesse humano estão nas frases **“E como foi duro pra Eliziane entender que o lugar onde ela cresceu correndo e brincando com as amigas virou um deserto onde até caminhar é perigoso”** ou **“Lugar que ela foi obrigada a reconhecer como novo lar. Um alojamento de um hotel com muitas pessoas convivendo juntas. Pra se distrair, a Marli tem só duas agulhas e um novelo de lã. Mas como é difícil não errar o trançado pensando em tudo que aconteceu há um mês”**. A humanização descreve, ambientaliza, dá tons e nuances, leva o espectador para o caminho da identificação, levando o sujeito “a pensar, a buscar compreender melhor o que se passa, as razões, os interesses, as variantes do caso relatado” (IJUIM, 2009, p. 92).
- **Prosopopeia:** “A escola municipal de Bento Rodrigues, até pouco mais de um mês atrás. **Lugar colorido, alegre.** Escola municipal de Bento Rodrigues hoje. **Agora, prédio marrom. Silencioso. Onde no refeitório nada mais se come. No cantinho da leitura, nada mais se lê**”. A Escola Municipal de Bento Rodrigues passa a ser o personagem que conta por si como a lama foi prejudicial à comunidade: antes era um lugar alegre, colorido e depois virou marrom, silencioso. Ela é a personificação do que se perdeu naquela comunidade. As frases **“Agora, prédio marrom. Silencioso. Onde**

**no refeitório nada mais se come. No cantinho da leitura, nada mais se lê”** em especial mostram a morbidade do local. O repórter, inclusive, utilizou-se de adjetivação para compreender o lugar – ainda que as imagens mostradas na reportagem dissessem muito por si só, mesmo que o texto apresente aspectos de redundância – abominados pelos manuais de televisão. Pode ser usado o exemplo do ‘prédio marrom’, que, neste caso, se refere não ao fato de que o prédio é de fato da cor marrom, mas que ficou assim com a chegada da lama.

- **Contexto comunicativo/Informação pela imagem:** O repórter fica em evidência na reportagem; são três passagens, sem contar os momentos em que ele é enquadrado durante as sonoras. Este movimento mostra a ideia de que ele está ali, vivendo aquilo com as vítimas, mostrando como a lama estragou a comunidade, pegando telhas na mão – **“O nível da lama aqui tá tão alto que a gente consegue chegar no telhado da casa. E é só a gente arrancar umas telhas aqui (tira as telhas) pra perceber que a casa tá totalmente tomada pela lama”**– andando sobre o barro com as botas de borracha ou mostrando colchões e geladeiras nos telhados das casas. Este movimento também pode se enquadrar no quesito Informação pela imagem, conceituado por Melo (2003). Ele diz que não é o código em si que caracteriza o gênero jornalístico, mas o conjunto de circunstâncias que determinam o relato difundido ao público (MELO, 2003). Como na televisão esta é a prioridade, as imagens em movimento apresentam maior significação e expressão simbólica (MELO 2003), o que faz com que a presença do repórter só comprove ainda mais que ele esteve ali e viu de perto o drama dos sobreviventes da tragédia. É mais uma maneira de dar sustentação ao discurso humanizado. Só o fato do repórter estar no local já evidencia tanto a sua presença, quanto a do veículo, o que permuta a teoria de Contexto comunicativo - os modos como os emissores se apresentam, como representam seus receptores e como situam uns e outros em uma situação comunicativa concreta (GOMES, 2007).

#### 4.3.4 Edição de sábado, 12 de dezembro de 2015 (Anexo 3)

A edição de sábado não contou com registro de linguagem humanizada. O telejornal, apresentado por Evaristo Costa e Giuliana Morrone, teve um primeiro bloco de 18 minutos e 30 segundos: nele se destacou a Conferência do Clima da ONU e uma chamada ao vivo de Nova Iorque, com repórter falando sobre a notícia. A ONU também foi citada na reunião de

representantes da empresa Samarco, onde se cobrou assistência às vítimas da tragédia de Minas Gerais, com o rompimento da barragem de Fundão. No primeiro bloco ainda se passam os riscos de armazenamento de rejeitos das barragens, tido como recurso um infográfico animado, e uma matéria completa sobre causas do El Niño, seguido, então, da previsão do tempo e de matéria sobre a morte de menino de dois anos com bala perdida, no Rio de Janeiro. Nos três blocos restantes (cada um com cerca de seis minutos) não foram encontradas matérias construídas unicamente sobre a narrativa humanizada. O tempo total de jornal foi de 40 minutos e 40 segundos.

#### 4.3.5 Edição de segunda-feira, 14 de dezembro de 2015 (Anexo 3)

A edição dessa segunda-feira, em específico, contou com duas matérias que traziam em si o relato humanizado conceituado por Ijuim (2009-2014). Coincidentemente ou não, ambas estavam enquadradas na editoria de Economia e foram veiculadas juntas no segundo bloco do telejornal. Nesse dia, William Bonner e Renata Vasconcellos apresentavam na bancada o programa que teve o tempo total de 32 minutos e 50 segundos – o mais curto dos jornais analisados por esta pesquisa.

#### Reportagem 1

- Chamada / Âncora: William Bonner – Bloco 02 – Início: 13' | Fim: 15'30

A venda de smartphones chegou ao fim no Brasil. Os números mostram uma queda no movimento de compras. Mas a dependência de quem tem um aparelhinho desses por perto, não mudou não.

Narração *off*: **Esse foi um dia esquisito pra Luísa.** Repórter: A sensação é estranha?

Personagem: **É, é bem estranha. Parece que uma parte de mim foi perdida** (risos).

Narração *off*: E vai dizer que hoje em dia ele não é uma parte de cada um de nós? **Esse hospital do celular atende todo dia cerca de 60 pacientes. E, como numa emergência, o socorro tem que ser bem rápido.** Até por que comprar outro custa caro. Ainda mais com o dólar do jeito que *tá*. E ainda tem a crise. O analista diz que o setor não esperava queda nas vendas nesse ano. Eles apostavam nos brasileiros que ainda não têm um smartphone, esse celular moderno que acessa a internet.

Passagem: Dois mil e quatorze foi o ano em que as vendas de smartphones explodiram no Brasil. As vendas chegaram a 54 milhões e 500 mil aparelhos. Já agora, em 2015, as coisas

mudaram: elas desaceleraram e não devem passar de 47 milhões e 600 mil unidades. Quase sete milhões de smartphones a menos. Uma queda de 12,6% nas vendas. Tem menos gente saindo das lojas com um equipamento desses. Mas quem sai, sai desembolsando mais: em 2014 o gasto médio com smartphone era de 618 reais. Agora em 2015 chegou a 925 reais.

Narração *off*: Se é *pra* gastar mais, tem que durar mais. Um ano atrás, os brasileiros trocavam de aparelho a cada um ano e meio. Agora levam dois anos. Dois anos que serão intensos.

### **Análise:**

- **Conotação:** “Esse foi um dia esquisito pra Luísa. Repórter: A sensação é estranha? Personagem: É, é bem estranha. Parece que uma parte de mim foi perdida (risos)”. Uma “parte” da Luísa não foi realmente perdida: ela só deixou o celular no conserto por algumas horas. O primeiro artifício da linguagem humanizada é que o repórter já começa o texto com a fonte e utiliza-se da sua fala para explicar qual é o sentimento na hora de “largar” o celular, o principal foco da matéria. A seguir, mais utilização da linguagem conotativa. “E vai dizer que hoje em dia ele não é uma parte de cada um de nós. Esse hospital do celular atende todo dia cerca de 60 pacientes. E, como numa emergência, o socorro tem que ser bem rápido”. Desta vez é o repórter quem dá ênfase: “E vai dizer que hoje em dia ele não é uma parte de cada um de nós? ”. Linguagem conotativa no sentido mais puro da palavra, justamente do jeito explicado por Faraco & Moura (2001), que disseram que a conotação é o emprego da palavra no sentido figurado. Sua utilização pode sugerir inúmeras interpretações, é subjetiva. Por isso nesta frase, em que diz que o celular é “parte” de cada um de nós, temos um termo com sentido polissêmico – ou também conhecido como uma ‘palavra-ônibus’, como citado por Rezende *apud* Albertino Cunha (2004). No sentido denotativo, o celular não faz ‘parte’ de nós: ele é apenas mais um objeto isolado do nosso dia a dia, talvez com uma importância maior que outros. A linguagem humanizada consiste na identificação com o sujeito que recebe a mensagem: a intenção não é apenas fazer com que a mensagem seja mais atrativa, mas que também provoque a identificação com o receptor da mensagem, como explica Curado (2002). Segundo ela, a construção da matéria é sobre o personagem e a emoção que ele transmite só pelo fato de se sentir assim, como, por exemplo com o celular sendo ‘parte’ de si.

- **Ironia/Metonímia:** Foram localizadas algumas figuras de linguagem em duas frases: “Esse hospital do celular atende todo dia cerca de 60 pacientes. E, como numa emergência, o socorro tem que ser bem rápido”. A ironia, empregada para dizer exatamente ao contrário do que está sendo exposto, utilizando-se da situação de forma cômica está empregada quando o repórter diz que “esse hospital do celular atende todo dia cerca de 60 pacientes” e que “o socorro tem que ser rápido”). Os celulares não são, de fato, ‘pacientes’ que precisam de um ‘socorro rápido’. Logo, o uso da ironia identifica aqui a ‘febre’ dos donos destes aparelhos que, na realidade, são quem precisam de atendimento. A metonímia serve para completar este quadro. Ela existe para conceituar palavras que originalmente têm um significado e passam a ter outros. É o caso das palavras ‘hospital’ (que na realidade é um estabelecimento comercial de consertos de aparelhos eletrônicos); ‘paciente’ (que não são pacientes de verdade, mas *smartphones*); e ‘socorro’ (já que estes atendimentos não podem ser caracterizados como reais urgências e emergências tidas nos hospitais). A conotação, por fim, é visualizada pelo sentido figurado de cada uma destas palavras e seu entendimento subjetivo.

## Reportagem 2

- **Cabeça / Âncora: William Bonner – Bloco 02 – Início: 15’42 | Fim: 18’51**

O Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil melhorou, mas ainda assim está atrás do México e do Sri Lanka. Esse índice, o IDH, é medido pela ONU, e leva em consideração, educação, saúde e renda da população.

Narração *off*: **Parece que foi ontem, mas lá se vão 16 anos desde que a Alessandra se formou em Administração.** Depois ainda fez uma pós, antes de passar num concurso de um banco em Brasília. **Foi a realização do sonho do seu Luís e da dona Lucília, que tinham pouco estudo,** mas deram uma chance para a filha de **controlar o futuro profissional. São os sinais dos tempos.** Os brasileiros estão estudando mais. A média de presença nas salas de aula passou de 7,7 anos, quase quatro a mais que em 1990. Os dados são da pesquisa divulgada hoje pelo PNUD, o dado das Nações Unidas que mede o IDH, o Índice de Desenvolvimento Humano, que avalia a qualidade de vida da população mundial.

Passagem: Nessas duas últimas décadas e meia, desde que a pesquisa começou a ser feita, o índice de desenvolvimento humano do Brasil foi o que mais cresceu na América Latina:

24,2%. Mas ainda está abaixo da Venezuela, do Uruguai, da Argentina e do Chile. Entre todos os 188 países pesquisados de todo planeta, perdemos uma posição em apenas um ano. Fomos de 74 para 75. E esses dados são de 2014, portanto não consideram os efeitos da atual crise econômica.

Narração *off*: A ONU também destaca os programas sociais e de transferência de renda no Brasil, como o Bolsa Família. A renda média dos brasileiros caiu 0,8% em relação ao relatório anterior de 2013. **A Cleide e o Manuel sabem bem disso. Os dois perderam o emprego no ano passado, bem na época do aniversário da filha.** Os dois decidiram montar uma festinha. Nasceu naquele dia a nova profissão do casal: organizadores de eventos. Por enquanto renda 30% menor do que antes, mas **otimismo nas alturas. Sob o mesmo teto um outro exemplo da pesquisa. O seu Adão, pai da Cleide. Ele é um dos brasileiros que estão vivendo mais.** A expectativa de vida no Brasil subiu de 74,2 para 78,2 anos. O seu Adão passou longe disso. Vai fazer 90 anos, **firme e forte.**

#### Análise:

- **Relato humanizado:** Esta reportagem traz características da humanização por não ter dado apenas a notícia em si – que dados do IDH revelam tais informações – mas por ter trazido personagens que sentiram na pele as mudanças mostradas pela pesquisa. Quando o repórter começa contando que “**parece que foi ontem, mas lá se vão 16 anos desde que a Alessandra se formou em Administração**”, ele humaniza o relato, faz com que outras pessoas que passaram por situações semelhantes se interessem pela reportagem (IJUIM, 2014). O mesmo acontece quando ele conta a história dos pais do personagem Alessandra, o seu Luís e dona Lucinda: ambos com pouco estudo, que deram para a filha a chance de ter um futuro profissional. Ou então a história da Cleide e do Manuel, que “**perderam o emprego no ano passado, bem na época do aniversário da filha**” e, depois de montar uma festinha para a menina, descobriram como suas novas profissões: organizadores de eventos. Relatos de pessoas que tiveram suas vidas transformadas pela questão econômica e que são retratados como exemplos para os números da pesquisa. Este modelo de narração é defendido por Curado, que diz que a informação, sozinha, não tem força. “Toda tragédia tem um ser humano e o ser humano tem que se revelar, e toda história tem uma pessoa, pois sem ela não é uma história. Se não mostrarmos a pessoa, estamos fazendo o anuário estatístico do IBGE. Está claro: temos que ter o personagem, a história e a emoção” (CURADO, 2002, p.

43). Outro ponto crucial do enunciado são os pronomes de tratamento dos personagens: o Seu Adão, a Cleide, o seu Luís, a dona Lucinda, o Manuel. Todos são retratados como sujeitos simbólicos, com os quais se busca identificação através do uso do primeiro nome, o que lhes assume posição social, sem qualquer outra caracterização, como origem ou sobrenome, por exemplo. Seu uso no relato consiste em “contar a história de um personagem que vai exemplificar a situação de muitos outros”, o que se entende como uma das estratégias mais utilizadas para se aproximar da audiência (GOMES, 2007).

- **Conotação:** Dizer que a filha teve a chance de “**controlar o futuro profissional**” ou que o “**otimismo está nas alturas**” é, sim, utilizar-se de linguagem conotativa. O mesmo acontece quando se refere que alguém está “**firme e forte**”. O otimismo não está literalmente nas alturas, mas na confiança de Cleide e Manuel, que viram no novo negócio uma chance de driblar a crise econômica. A figura de linguagem utilizada com o Seu Adão, pai de Cleide, em que diz que está “firme e forte” conota saúde e disponibilidade de um senhor idoso que está prestes a completar 90 anos. Quando se diz que os pais de Alessandra lhe deram a oportunidade de “controlar o futuro profissional” não significa que de fato lhe deram poderes mágicos, mas sim o estudo – para que, a partir daí, assuma sua vida profissional como bem desejar. Esta conotação está muito presente no operador de análise ‘texto verbal’, onde são reveladas estratégias para a construção das notícias, a fim de ser compreensível e interpelar diretamente na audiência (GOMES, 2007). Neste caso, vê-se o modalizador de atualidade e didático, onde são utilizadas gírias (firme e forte, otimismo nas alturas) e alternativas de maior compreensão no texto (chance de controlar o futuro profissional) (VIZEU, 2002).

#### 4.3.6 Edição de terça-feira, 22 de dezembro de 2015 (Anexo 3)

Dos 41 minutos de telejornal, apresentados por William Bonner e Renata Vasconcellos, cerca de 15 foram dedicados para três matérias identificadas com o discurso humanizado conceituado por Ijuim (2009-2014). Atenção para o segundo bloco, onde foram apresentadas duas reportagens do estilo, uma seguida da outra.

#### Reportagem 1

- Chamada / Âncora: Renata Vasconcellos – Bloco 01 – Início: 4’05 | Fim: 8’58

Um curto circuito é por enquanto a única hipótese do início do incêndio que destruiu o Museu da Língua Portuguesa ontem em São Paulo. **Menos de 24 horas depois do acidente devastador, os repórteres Franklin Feitosa e José Roberto Burnier entraram no prédio.**

Narração *off*: **Dói só de olhar. O que abrigava um dos museus mais importantes da América Latina agora é um amontoado de escombros.** Se impressiona do alto, imagine de perto.

Passagem: Essa é a área de divisão. O fogo foi daqui *pra* lá. A gente *tá* vendo aqui pelo teto que foi queimado, os bombeiros conseguiram segurar a torre que fica bem em cima de onde nós estamos e não deixar o fogo avançar pra parte onde fica a Estação da Luz mesmo, de trem, que é aquele lado de lá. Aqui começa o que era o Museu da Língua Portuguesa. **Vamos entrar aqui.** Não sobrou absolutamente nada. Ferros, cimento e o que tinha de madeira aqui queimou. Esse aqui é o segundo andar do Museu da Língua Portuguesa. Aqui ficavam painéis eletrônicos, equipamentos de som, alto-falantes. Aqui tinha projeção de vídeos. Provavelmente a gente vai ser agora a parte pior que é o terceiro piso. Ele *tá* me explicando aqui, que aqui, olha, a base é de ferro, mas é tudo forrado com madeira, então é perigoso a gente andar por aqui agora porque a gente pode desmontar tudo aqui. **Agora olha aqui gente,** isso tudo era telhado, coberto. **Olha aí, olha o que que virou. Acabou tudo. Olha gente,** esse aqui é um dos hidrantes instalados aqui no museu, *tá* vendo? O tenente do Corpo de Bombeiros me disse que esse hidrante chegou a ser usado ontem. (Repórter: Essas paredes laterais e as paredes que dão para fora são na verdade a estrutura de todo esse prédio histórico. É possível mantê-las? (Bombeiro responde).

Passagem: **Olha aqui o que funcionava aqui, ó.** Palavras cruzadas, história da língua portuguesa, beco das palavras e por aí vai. **Agora a gente vai pra realidade. O que a placa prometia existia aqui. E olha o que virou agora. Que tristeza, olha isso.**

Narração *off*: O que você acabou de ver, tudo queimado, era assim. O único museu do mundo dedicado a uma língua nacional. O acervo era digital e está salvo. Inaugurado no ano 1901, o prédio já havia sofrido um grande incêndio em 1946, foi reconstruído e em 2006 o Museu da Língua Portuguesa abriu as portas. Ao lado do museu fica a plataforma da estação. O prédio tem duas partes. À esquerda da torre do relógio fica a principal, atingida ontem. À direita da torre funciona outro setor do museu, que abriga a administração. Essa parte não foi atingida pelo primeiro incêndio, de 46, e ainda preserva elementos originais da primeira construção. Por enquanto a única hipótese para o incêndio é um curto circuito. Técnicos do Instituto de

Pesquisas Tecnológicas verificaram a estrutura do prédio. A perícia científica vai elaborar o laudo apontando as causas. O que ainda gera dúvida é se o prédio cumpria todas as normas de segurança. O museu funcionava há nove anos sem alvará da Prefeitura e sem o auto de vistoria dos bombeiros. A única vítima do incêndio foi enterrada nesta terça-feira. Ronaldo Ferreira da Cruz era bombeiro civil. Ele trabalhava no museu e morreu quando tentava combater as chamas.

### **Análise:**

- Contexto comunicativo:** Na chamada da matéria a âncora Renata Vasconcellos diz que **“menos de 24 horas depois do acidente devastador, os repórteres Franklin Feitosa e José Roberto Burnier entraram no prédio”**. Esta chamada se enquadra no operador ‘contexto comunicativo’, já que o telejornal apresenta “definições dos seus participantes, objetivos e modos de comunicação, explicitamente” (GOMES, 2007). Ou seja, quando a apresentadora fala que os repórteres Franklin Feitosa e José Roberto Burnier entraram no prédio recém incendiado, ela confere a eles a legitimidade de que, de fato, estiveram no local, e mostram-se ali para o público, em uma situação comunicativa concreta (GOMES, 2007). Outro aspecto do contexto comunicativo pode ser visto durante a primeira parte da matéria. Neste momento, o repórter faz uma grande “passagem”, mostrando todos os estragos deixados pelo fogo no museu. É ele quem narra, como se fosse em tempo real, tudo o que está sendo contado e mostrado pelos bombeiros. Para chamar a atenção, ele diz repetidamente *“agora olha aqui, gente”, “olha aí, olha o que virou”, “tá vendo?”, “olha o que funcionava aqui, ó”, “agora a gente vai pra realidade. O que a placa prometia existia aqui. E olha o que virou agora. Que tristeza, olha isso”*. Estas expressões também se enquadram no contexto comunicativo. O repórter confirma que está no local e está tão ‘abismado’ com os estragos quanto a audiência que o assiste. Seu relato é extremamente coloquial, como em uma conversa. Ele anda por todos os lados do museu incendiado, questiona, mostra o que existia ali e o que foi tomado pelo fogo. Ele não está parado, mas em total movimento, mostrando todos os aspectos e rastros da destruição.
- Crônica/Conotação:** A utilização da frase, logo no início da matéria, traz em si traços de crônica e linguagem conotativa: **“Dói só de olhar. O que abrigava um dos museus mais importantes da América Latina agora é um amontoado de escombros”**. A frase “dói só de olhar” e a expressão “agora é um amontoado de

escombros” retratam muito bem o gênero crônica e a linguagem conotativa, já que trazem em si elementos que configuram teor subjetivo, com entendimentos paralelos a aceção em que são empregadas (AURELIO, 1986). Este estilo de texto é herdado pela crônica, onde o fato jornalístico é o pretexto para que a matéria jornalística seja escrita de outra forma. Este estilo, no entanto, só é visto nas duas frases acima expostas, nesta reportagem em particular.

## Reportagem 2

**- Chamada / Âncora: William Bonner – Bloco 02 - Início: 15’35 | Fim: 18’15**

Quem mora numa cidade grande hoje no Brasil não tem como escapar do trânsito ruim e dos congestionamentos. E por isso a gente começa a notar uma espécie de adaptação forçada a essa situação, **porque se não dá pra fugir do engarrafamento, que pelo menos dê pra curtir o tempo que ele rouba da gente.**

Narração *off*: **Cinco da tarde. Fim de expediente. A Daniele sai do trabalho e anda. Dobra a esquina e anda mais um pouco. Chega no tempo certo de embarcar.** Hora do *rush* no Rio e ela vai enfrentar o trânsito de uma das cidades mais engarrafadas do país. Mas esse envelope fez as coisas mudarem. E o trânsito, que só fazia perder tempo, agora também ajuda a encher o bolso. Enquanto vai e volta no ônibus, a Daniele aproveita pra fazer uma **graninha extra**. Quando ela chega no ponto, o trabalho termina. Daqui para frente todas as atenções já têm dona.

Passagem: No Rio de Janeiro as pessoas gastam em média duas horas e 21 minutos pra ir e voltar do trabalho. Em São Paulo, duas horas e doze. **Para arredondar vamos deixar os minutos de lado.** Duas horas por dia no trânsito significam dez horas a menos de vida útil na semana. **No mês, aproximadamente 40. No ano, dá aflição só de pensar.**

Narração *off*: **Percebeu o quanto de vida a gente tá deixando no caminho? E se você pudesse pegar esse tempo de volta? Onde é que ia usar?** Essa turma decidiu embarcar junto numa proposta curiosa. **É exatamente isso que você ouviu.** Eles estão aprendendo inglês. No caminho *pro* trabalho. O ônibus foi todo adaptado e começou a rodar há duas semanas. Essa é a primeira turma. As lições são passadas no quadro. Tem dever de casa, leitura, repetição, como qualquer curso. **A professora usa microfone e cinto de segurança. É igualzinho a uma sala de aula.** Quem quiser pode ter aula também na volta *pra* casa.

**Falando em volta *pra* casa, olha as duas, continuam na bagunça. E a Daniele que passou o dia engarrafada ainda vai brincar de carrinho. É muito amor.**

**Análise:**

- **Crônica:** O repórter inicia a narrativa mostrando o caminho do personagem Daniele: ela anda, anda mais um pouco e chega a tempo de embarcar. Atitude banal, mas que dá a impressão de continuidade para o texto, já que a pauta é sobre trânsito, congestionamento, tempo que se perde entre a casa e o trabalho. Diante dos personagens e da narrativa, no entanto, ela acaba virando pretexto – como se constrói o texto da crônica. “O espaço em que acontece o fato analisado pelo cronista não fica no mundo real que nos rodeia. Mesmo quando há verdade inquestionável no que diz, as entrelinhas e as analogias é que interessam” (BENDER & LAURITO, 1993).
- **Relato humanizado:** O personagem é a linha de condução da narrativa. “**Cinco da tarde. Fim de expediente. A Daniele sai do trabalho e anda. Dobra a esquina e anda mais um pouco. Chega no tempo certo de embarcar**”, “**A professora usa microfone e cinto de segurança. É igualzinho a uma sala de aula**” ou “**olha as duas, continuam na bagunça. E a Daniele que passou o dia engarrafada ainda vai brincar de carrinho. É muito amor**”. Mesmo que a pauta seja congestionamento, os personagens foram escolhidos para dimensionar os dados: tem tanto congestionamento que até já tem gente buscando alternativas para não perder tempo. O jornalismo humanizado surge, neste caso, a partir da leitura da pauta: “o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista” (IJUIM, 2014, p. 13). Assim, o repórter acaba não se relacionando com um objeto em si, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação (IJUIM, 2014).
- **Conotação/Texto verbal:** As expressões ‘*graninha extra*’ e ‘*dá aflição só de pensar*’ se caracterizam como gíria e linguagem coloquial, atribuindo-se como linguagem conotativa. Já nas frases ‘*para arredondar, vamos deixar os minutos de lado*’, ‘*percebeu o quanto de vida a gente tá deixando de lado?*’ e ‘*é exatamente isso que você ouviu*’, se vê o operador texto verbal, onde o interlocutor conversa diretamente com o espectador, no sentido de audiência presumida, conceituada por Vizeu (2004), que diz que “os jornalistas constroem antecipadamente a audiência a partir da cultura

profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras de redação), da língua e das regras do campo das linguagens para, no trabalho da enunciação, produzirem discursos” e que, por isso, se justifica ao telejornal o modelo enunciativo que tem o poder de falar e mandar olhar aquilo que é construído e referenciado como real” (VIZEU, 2004).

### Reportagem 3

**- Chamada / Âncora: Renata Vasconcellos – Bloco 02 – Início: 18’20 | Fim: 25’**

**Ontem você viu aqui no Jornal Nacional** que o acordo ortográfico assinado por Brasil, Portugal e outros seis países ainda gera dúvidas e críticas. **Hoje a gente vai mostrar** que, *pra* unificar a língua, aparecem dificuldades onde menos se espera.

Passagem: Nós estamos na Rua Capela, no centro de Aracaju. Bem aqui passa a linha da fronteira que separa a língua portuguesa falada no Brasil da língua falada nos outros países que também assinaram o acordo ortográfico. Para esse cartório de títulos e documentos, angolanos, moçambicanos e portugueses falam uma língua estrangeira.

Narração *off*: **Em março deste ano o advogado Lucas chegou com certidões de nascimento, casamento e de óbito da mãe de um cliente angolano.** Os papéis, escritos em português, com carimbos angolanos e até do Consulado Brasileiro de Luanda, capital de Angola. Mas o cartório exigiu: a papelada precisava ser traduzida. Do português para o português. É que a lei de registros públicos exige a tradução de documentos estrangeiros. O caso foi parar na Justiça. O Tribunal de Justiça de Sergipe confirmou em primeira instância a exigência de tradução dos documentos. **Nós falamos com cliente, Luis Felipe, pela internet.** Ele veio para o Brasil para fazer o inventário dessa casa, que herdou da mãe. Voltou sem resolver nada. A Justiça publicou a decisão em português, claro, quer dizer, nem tanto. (Sonoras com populares lendo documentos do judiciário sem compreender as palavras).

Passagem: E aí, entendeu o que é suscitado? Suscitante? Pretensão? Tudo isso foi escrito pela juíza Érica Madi, de Sergipe. Para ela, documentos angolanos escritos em português só têm validade no Brasil se forem traduzidos para o português. Agora será que também não era o caso de traduzir documentos com decisões de tribunais de todo país para um português que você entende?

Narração *off*: **Fizemos o teste. O Marcos, que é contador, tropeçou em algumas palavras. O João trabalha no almoxarifado e reclama. Nem a Milena, que é estudante de Direito,**

**entendeu tudo. A funcionária do Tribunal de Justiça do Rio diz que todo dia vê textos complicados assim.** A Marília é advogada, tem um blog na internet e escreveu um livro para compreender a complexa linguagem do Direito.

Passagem: A linguagem rebuscada utilizada nos tribunais tem nome. É o *juridiquês*. Agora nós vamos acompanhar a aula do desembargador Wagner Silverio. Aqui todos são funcionários do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Profissionais do Direito. Nessa aula eles aprendem exatamente o contrário: a usar uma linguagem simples.

Narração *off*: O desembargador explica que o *juridiquês* é diferente da linguagem técnica. **Alguns recursos de linguagem jurídica têm nomes complicados mesmo, e isso não deve mudar.** Mas ele ensina que o floreio excessivo, o uso de expressões antigas, algumas em latim, não melhoram o conteúdo de uma decisão. É o caso de algumas expressões que vimos lá no início da reportagem. E tem mais. Só que fugir do *juridiquês* é um desafio até *pra* esses alunos, que condenam a linguagem rebuscada. Tribunais de todo o país vem se esforçando para melhorar a linguagem. A orientação é que juízes escrevam sentenças de forma clara e direta para que qualquer pessoa entenda.

#### **Análise:**

- **Contexto comunicativo:** Quando o âncora diz “**Ontem você viu aqui no Jornal Nacional**” que aconteceu tal fato relacionado ao acordo ortográfico, ele se enquadra no operador ‘contexto comunicativo’. Conforme Gomes (2007) um telejornal sempre vai apresentar definições dos seus participantes, objetivos e modos de comunicação, explicitamente – neste caso mostrando o que foi visto no dia passado (ontem), **no Jornal Nacional**, e o agora (“**Hoje a gente vai mostrar** que (...)”).
- **Relato humanizado:** Além de toda reportagem ter sido ancorada na história do advogado Lucas e do seu cliente, Luis Felipe, o repórter também falou com muitas pessoas da rua (o chamado *fala-povo*), como é o caso da seguinte passagem: “Fizemos o teste. O Marcos, que é contador, tropeçou em algumas palavras. O João trabalha no almoxarifado e reclama. Nem a Milena, que é estudante de Direito, entendeu tudo. A funcionária do Tribunal de Justiça do Rio diz que todo dia vê textos complicados assim”. Conforme Gomes (2007), a humanização do relato é uma das estratégias mais usadas pelo JN para se aproximar da audiência. Segundo ela, a identificação resulta neste caráter ‘humano’, que estabelece um jogo de cumplicidade com o telespectador. Missão cumprida: ninguém compreende realmente o tal *juridiquês* tratado na

reportagem. “A aproximação aqui não significa simplesmente “se reconhecer” na tela, mas reconhecer “aquela história” contada como “humana”, “real” ou “verdadeira” (GOMES, 2007).

- **Linguagem figurada:** Atenção para as expressões: “*juridiquês*”, “floreio excessivo”, “fugir do *juridiquês*”, “condenam a linguagem rebuscada”. Além de constarem em si elementos da conotação, todas contêm figuras de linguagem. A palavra ‘*juridiquês*’, por exemplo e a grosso modo, significa o uso excessivo de termos jurídicos. Esta definição não existe no dicionário: ela pode ser configurada como uma gíria e uma ironia. A expressão ‘floreio excessivo’ também pode ser considerada como uma ironia. O ‘floreio’ entende-se como o ato de encher de firulas, florear, pintar. Quando o repórter se refere a um ‘floreio excessivo’ da língua, ele está dizendo que existe o uso exagerado de palavras que em nada acrescentam com o processo em si. Já as expressões “fugir” e “condenar” são ambas metonímias – palavras que têm originalmente um significado e, conforme o contexto, passam a ter outro. O ‘fugir’ não é necessariamente correr para as colinas (outra gíria), mas tentar escapar, evitar os termos exagerados. O mesmo acontece com o “condenar” – não é uma condenação de fato, perante juizado ou promotor, mas a condenação de não gostar, detestar ou até abominar tal ação.

#### 4.4 Vínculo com operadores de análise

Com base nos dados apresentados nesta pesquisa, podemos entender os operadores de análise ‘Contexto comunicativo’ e ‘Texto verbal’, pertencentes à teoria metodológica dos Modos de Endereçamento, conceituada por Gomes (2007), como parte da construção de estilo e tentativa de confiabilidade empregada pelo Jornal Nacional. Em relação ao operador ‘Conceito comunicativo’, notou-se que o telejornal utiliza estratégias de comunicação que visam a aproximação e reconhecimento do produto jornalístico com o espectador. Estas estratégias podem ser identificadas quando os âncoras dizem que “ontem você viu aqui no Jornal Nacional” ou que menos de 24 horas depois de tal acidente, os repórteres da emissora entraram no prédio incendiado, por exemplo. Fazendo isso, eles se distinguem dos demais programas – reforçam a ideia de qual contexto em que o programa televisivo atua, como ele se compreende como emissor e, também, quais as circunstâncias espaciais e temporais em que o processo criativo acontece (GOMES, 2007). O telejornal analisado utiliza com muita frequência este modelo comunicativo, desde quando diz que tais repórteres estiveram no local

do acontecimento até quando reforça a ideia, durante o próprio texto da reportagem, do simples convite de olhar atentamente para as imagens. Um exemplo prático pôde ser visto na matéria do incêndio ao Museu da Língua Portuguesa, com as expressões “*que tristeza, olha isso*” ou “*olha só o que virou, tá vendo?*”. Isso comprova a teoria de que um telejornal sempre vai apresentar definições dos seus participantes, objetivos e modos de comunicação, explicitamente (GOME, 2007).

Já no operador ‘Texto verbal’ foi percebido na totalidade dos textos analisados, a presença da linguagem figurada apresentada em todas as reportagens como uma forma estratégica empregada pelos mediadores para a construção das notícias. Essa construção impacta diretamente na audiência e visa compor credibilidade, proximidade e identificação com o público espectador. Estas expressões podem ser vistas em todas as matérias: desde o tal ‘*juridiquês*’, o ‘*graninha extra*’ ou o ‘*dói só de olhar*’ – expressões que intencionam compactuar com a audiência, seguindo, também, os moldes de audiência presumida, conceituado por Vizeu (2002) – seguindo a hipótese de que o público está presentificado no discurso jornalístico. É como se os jornalistas “construíssem antecipadamente a audiência a partir da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras de redação), da língua e das regras do campo das linguagens para, no trabalho de enunciação, produzirem discursos” (VIZEU, 2005, p. 3). Assim, o trabalho realizado por estes profissionais, ao operar sobre os vários discursos, resulta em construções que, conforme o campo jornalístico, podem ser chamadas de notícias (VIZEU, 2005). Estas relações, por fim, humanizam o texto jornalístico por constarem, em si, argumentos de fala que causam a proximidade, a identificação com o espectador. Elas usam exemplos, figuras de linguagem e personagens comuns no âmbito popular. O próprio uso do ‘*pra*’ em troca do ‘*para*’, ou do ‘*tá*’ contra o ‘*está*’ já são estratégias de comunicação: ‘*para*’ e ‘*está*’ costumam ser muito mais formais e não fazem parte das conversas usuais dos brasileiros. Todos estes sentidos estão representados na conceituação de Linguagem Humanizada de Ijuim (2014), que diz que “o ser humano é o ponto de partida e de chegada, o que supõe que este fazer começa antes da pauta, na consciência do ser jornalista” (IJUIM, 2014, p. 13). A linguagem humanizada, por fim, pode ser enquadrada nos modos de endereçamento de Gomes (2007) por que também se utiliza de ambientalizações e descrições do que é vivido por seus personagens, além de construir a matéria sobre o personagem – o que provoca a identificação com quem o assiste.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando esta pesquisa iniciou, duvidei que encontraria matérias humanizadas no Jornal Nacional. Entre os motivos estava a sua formalidade estática, pouco mutável, com matérias tradicionalmente voltadas à política nacional e acontecimentos do exterior, geralmente voltados para fatores pontuais e econômicos. Já vinha percebendo uma espécie de mudança no JN há algum tempo: a tentativa de modernizar está acontecendo, mas, ao olhar de telespectadora, o movimento andava mais devagar, a passos pequenos. Nestas considerações finais, no entanto, posso destacar que estava enganada: encontrei um número maior de matérias de cunho humanizado do que pensei que encontraria – ainda que ainda seja um número relativamente pequeno. Em seis programas analisados, dez matérias do formato foram encontradas. Fica aqui, portanto, a reflexão que já se desenrola há algum tempo: o jornalismo está mudando. Levantar da bancada parece ser um detalhe insignificante, mas representa um novo olhar sobre o jornalismo brasileiro. E aqui não entro em mérito de fatores ideológicos – não é este o norte da pesquisa. O que busquei foi a humanização nos textos do Jornal Nacional – e encontrei.

Vale constatar que grande parte das matérias analisadas continha personagens como fio condutor da narrativa, conforme previsto pela conceituação de linguagem humanizada. E eles nem precisam ser *homo sapiens* – como o Seu João ou Dona Maria – mas podem ser *tartaruguinhas* recém-nascidas que correm em direção do mar. Podem ser a lama que cobriu cidades inteiras. Pode ser o fogo, que destruiu o Museu de Língua Portuguesa, em São Paulo. Ou pode ser a própria língua portuguesa, pregando peças com o tal *juridiquês*. A linguagem conotativa e as figuras de linguagem – outros aspectos característicos da linguagem humanizado – também foram encontradas na análise, com maior ênfase para a prosopopeia (personificação) e a metonímia (quando o sentido da palavra passa a ser outro, dependendo do contexto textual).

Dentre as descobertas desta pesquisa, está uma importante colocação quanto a organização do telejornal: a regra de começar com as matérias factuais ou ‘mais pesadas’ – como política ou economia – pôde ser questionada. A própria autora muito citada neste trabalho Itânia Gomes escreveu, ainda em 2007, que era essa a composição costumeira do telejornal. Segundo ela, as reportagens da editoria de esportes e/ou as da área social de repercussão positiva sempre encerram o programa, ainda fiel ao padrão de aliviar as tensões do telespectador que acaba de ser bombardeado de notícias negativas (GOMES, 2007). O

Jornal Nacional, pelo o que a pesquisa pôde concluir, não segue mais esse modelo em sua totalidade. Várias matérias de caráter extremamente humanizado estiveram presentes nos dois primeiros blocos, na maioria das edições aqui apresentadas, e outras, como as de política, ficaram para o fim do jornal. Outro paradigma, de que matérias mais leves ou de cunho social ficam reservadas e ganham destaque exclusivamente nos finais de semana, também pode ser questionado: no sábado analisado não foi constatada uma só matéria em que houve a identificação da narrativa humanizada no JN. Constatação para pensar e rever conceitos.

Outro aspecto importante é que essas editoriais mais ‘pesadas’, como dito anteriormente, também podem ser humanizadas, utilizando como exemplo a Cleide, o Manuel e o seu Adão, que são os representantes da população nos dados do IDH. A categoria ‘tragédia’ se enquadra igualmente neste quesito – como pudemos observar no desastre da lama, de Minas Gerais. Segundo Ijuim (2009) a linguagem humanizada também é isso: trazer personagens para exemplificar dados de uma tragédia, de um movimento que surge ou que termina.

A linguagem humanizada é uma tendência do jornalismo. Na televisão, no entanto, ela se dá com maior complexidade: a fala e a imagem precisam ser amigas. De nada adianta um imenso e aprofundado texto descritivo, se não há imagem para dar-lhe suporte. E a imagem, por sinal, que não foi objeto deste trabalho, permite novas reflexões e muito aprofundamento, sem dúvida. Este trabalho, portanto, termina apenas com uma certeza: a bibliografia de televisão precisa ser ampliada. Não estamos mais em 2004 ou 2007, quando a internet ainda não era tão popular e a televisão reinava absoluta como a principal fonte de notícias para a totalidade da população brasileira. Cabe salientar, também, que a televisão, por ser um meio efêmero, sempre se preocupou em seduzir o telespectador mais pela emoção que pela razão. O uso das figuras de linguagem e o próprio modo de selecionar a notícia – colocar o fato mais interessante na frente de todo texto, mesmo que ele não seja a informação principal, comprova isso. A linguagem humanizada, portanto, não é um fenômeno novo, mas se tornou muito mais presente com o crescimento da popularidade Internet, tornando-se um meio ainda mais necessário para a televisão e o telejornalismo manter os níveis de audiência.

A verdade é que haveria muito mais de analisar em cada uma das reportagens decupadas neste trabalho de monografia. As apresentadas aqui, no entanto, são as humanizadas no sentido puro da palavra, conceituados por Lima (2009), Ijuim (2009-2014) e Gomes (2007), que dizem que toda linguagem de viés humanizado se utiliza de determinados artifícios, como as figuras de linguagem e narrativas de movimento, bem como as

apresentadas no terceiro capítulo. O destaque foi o que encontrei de mais importante e com maior relevância.

O movimento da linguagem humanizada, acredito, faz bem para o jornalismo: lhe concede criatividade, atratividade, atividade. No entanto é necessário compreender de onde ela vem e, principalmente, por que vem. Mas este é assunto para outro trabalho.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADGHIRNI, Zelia. *O jornalista: do mito ao mercado*. Artigo. Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis, 2005. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2088/1828>>. Acesso em 20 mar. 2016.
- AMARAL, Márcia. *Sensacionalismo: inoperância explicativa*. Em questão: Porto Alegre. 2003. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/66/26>>. Acesso em 15 abr. 2016.
- BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. D. *Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV*. 2ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.
- BARBOSA, G.; RABAÇA, C. A. *Dicionário de comunicação*. 3 ed. Rio de Janeiro: Campus. 2002.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7ed., Petrópolis: Vozes, 2008.
- BENDER, F.; LAURITO, Ilka. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. Constituição (1988). *Artigo 6*. 1995. Disponível em: <[Http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d1720.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d1720.htm#art1)>. Acesso em: 20 mar. 2016.
- CURADO, Olga. *A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz Telejornalismo*. 1 ed. São Paulo: Alegro, 2002.
- COMUNIQUE-SE, Portal. *Âncoras em pé e telão em tamanho real são destaques do novo 'Jornal Nacional'*. Publicado em 23 de abril de 2016. Disponível em <<http://portal.comunique-se.com.br/index.php/jo-com/77115-ancoras-em-pe-e-telao-em-tamanho-real-sao-destaques-do-novo-jornal-nacional>>. Acesso em 16 mai. 2016.
- FARACO, C. E.; MOURA, F. M. *Gramática nova*. São Paulo: Ática, 2001.
- FERREIRA, Aurelio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurelio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1986.
- GLOBO, Memória. *Jornal nacional: A notícia faz história*. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 407 p.

GOMES, Itânia Maria. *Modo de Endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão*. NP 07 – Comunicação Audiovisual. V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. 2007. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/74277217742772103772621605140235486090.pdf>>. Acesso em 02 mai. 2016.

GOMES, Pedro Gilberto. *Artigo*. 1992. Livro: Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo. IJUIM, Jorge; URQUIZA, Moema. *Autoria e humanização em Neide Duarte*. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis. Março de 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p85/10419>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

IJUIM, Jorge. *Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/r6-2440-1.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2016

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o Livro-Reportagem como Extensão do Jornalismo e da Literatura*. 4 ed. Barueri: Manole. 2009.

KLEIN, Otávio. *A notícia em rede: Processos e práticas de produção da notícia em rede regional de televisão*. Passo Fundo: UPF Editora, 2013. 107 p.

KLÖCKNER, Luciano. *O Repórter Esso e Getúlio Vargas*. Portcom, 2001. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/74695668814433177230257016087316867641.pdf>>. Acesso em 12 abr. 2016.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2006. 78 p.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 1 ed. São Paulo: Ática, 1985. 78 p.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2006. 78 p.

LINS, Flávio. *Uma aventura chamada Tupi: os primeiros anos da TV brasileira*. Rumores, USP, 2013. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/viewFile/58935/61918>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

LOPES, Luís Carlos. *A parole do telejornalismo brasileiro*. Espéculo, Madrid, 2005. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero31/telejorn.html>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

LUFT, Lya; BARBOSA, Francisco; PEREIRA, Manuel. *Minidicionário Luft*. 9 ed. São Paulo: Ática, 2002.

- MELO, José Marques De. *Estudos de jornalismo comparado*. 1 ed. São Paulo: Pioneira, 1985. 260 p.
- MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3 ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. 238 p.
- MARQUES DE MELO, José & ASSIS, Francisco de. *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2010.
- PATERNOSTRO, Vera. *O texto na TV: Manual de telejornalismo*. 5 ed. São Paulo: Elsevier, 2006. 231 p.
- RECORD, News. *Manual de Telejornalismo*. Record News. São Paulo. 2007.
- REZENDE, Guilherme. *Telejornalismo no brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2004. 289 p.
- SILVA, Marconi Oliveira Da. *O mundo dos fatos e a estrutura da linguagem: a notícia jornalística na perspectiva de Wittgenstein*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. 173 p.
- SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1981. 155 p.
- SOUZA, José Carlos Aronchi de. *Gêneros e formatos da televisão brasileira*. São Paulo: Summus. 2004.
- SQUIRRA, Sebastião. *Aprender telejornalismo: produção e técnica*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. 187 p.
- VIZEU, Alfredo. *Telejornalismo, audiência e ética*. 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-telejornalismo-audiencia-etica.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

## ANEXO 1

O domingo foi de mobilização em São Paulo. Milhares de pessoas foram às ruas homenagear as vítimas da tragédia com o Airbus da TAM. Havia faixas de protesto, palavras de solidariedade e de indignação. A caminhada de cinco quilômetros terminou em frente ao local da tragédia. Entre os presentes, o que se viu foi uma mistura de revolta, dor e solidariedade. São Paulo ainda tem nuvens escuras no seu céu. Da bandeira do Brasil que tremulava, sobrou só um fiapo. As luzes que resistiram se equilibravam com precariedade. Os aviões continuam a descer num retrato mal-acabado de aeroporto. Nós estamos distantes, pequenos, diminuídos na nossa cidadania. De longe, nem parece que somos nós, ocupando uma parte da avenida. Mas estamos lá, caminhando, uma mancha no meio da cidade. Temos palavras de ordem, mas o coração está em desordem. “Hoje eu estou sem chão, estou sem rumo. Não sei o que fazer. Mas, com certeza, essa energia aqui já está nos alentando bastante”, disse a esposa de uma vítima, Joyce Oliveira. Estamos fora de foco, embaçados na nossa dor. “Eu escutei o nome do meu pai na lista pelo rádio. Ele era maravilhoso, um exemplo de cidadão brasileiro, um exemplo para mim, para qualquer pessoa. É muito bom saber que tem tanta gente que está sensibilizada com tudo isso”, lamentou a filha de uma vítima, Renata Oliveira. Em cima da bandeira, da ordem e progresso, das estrelas, do céu de anil, colocamos nossa esperança. O apoio, temos um nos braços do outro. A Defesa Civil confirmou que o prédio da TAM Express deve ser demolido ainda nesta semana. Telas de proteção já foram colocadas (...) A TAM informou que 39 voos que partiriam de Congonhas (...)

## ANEXO 2

O congestionamento é um monstro com mais de 100 quilômetros de comprimento, que se move lentamente. Ele nos ameaça de dia e de noite, vai nos engolindo aos poucos e emite sons ameaçadores. Nem parece que somos parte desse monstro, que fomos nós que o criamos e que estamos vivos dentro dele, atrás do reflexo de alguma arquitetura da cidade. “Não vejo os outros motoristas, só vejo os carros. É desumano, completamente”, define uma paulistana. Estamos sempre loucos para sair fora do corpo do monstro e escapar pela traseira. Mas, na maioria das vezes, ainda que a gente consiga ser mais esperto que os outros, mais cedo ou mais tarde acabamos todos no mesmo congestionamento. E temos que ficar ali, parados, carregando uns as mágoas dos outros. Nós buscamos saídas. No trânsito, temos tempo para tudo: o que faríamos no sofá da sala ou na mesa da cozinha, fazemos no carro. O que seria próprio no espelho do quarto, fazemos no espelho do carro. Mantemos a pose para aguentar, mas o cansaço vai matando a nossa elegância. Em São Paulo, quando o congestionamento tem “só” uns 90 quilômetros, ficamos felizes. A cada dia a limitação é maior, mas vamos aceitando, resignados com as novas condições. E pensamos que ainda cabemos – achamos que os outros é que não estão cabendo. Crescemos demais, escapamos ao nosso controle. Criamos um monstro, e agora não sabemos como lidar com ele. E nem com os nossos sentimentos. “Fico sufocada, como se eu estivesse perdida. Não tem para onde correr”, explica uma motorista. No meio do caos, onde tanta gente sem rosto parece com o inimigo, é bom estar atento: sempre podemos nos surpreender e dar de cara com um amigo, bem ao nosso lado.

**ANEXO 3**